

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Carlos Eduardo Capestrani

**A FESTA COMO TRANSGRESSÃO DAS TORCIDAS
ORGANIZADAS: UMA ETNOGRAFIA DA TORCIDA TRICOLOR
INDEPENDENTE**

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo

2009

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC - SP

Carlos Eduardo Capestrani

**A FESTA COMO TRANSGRESSÃO DAS TORCIDAS
ORGANIZADAS: UMA ETNOGRAFIA DA TORCIDA TRICOLOR
INDEPENDENTE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais na área de Antropologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Marisa do Espírito Santo Borin

São Paulo

2009

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Marisa do Espírito Santo Borin, que assumiu o projeto em andamento pela orientação, pela paciência, incentivo e ensinamentos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

À memória da Professora Doutora Márcia Regina da Costa, mentora do projeto inicial deste trabalho pela orientação e conselhos que contribuíram na minha vida profissional e pessoal.

À Torcida Tricolor Independente através da diretoria “A Retomada”, por permitir a minha participação no grupo.

À banca de qualificação, Professora Doutora Maria Helena Villas Boas Concone e Professor Doutor Carlos Alberto Máximo Pimenta pela leitura e contribuições preciosas para esta dissertação.

Ao Programa de Bolsa Mestrado do Governo do Estado de São Paulo pela bolsa concedida.

À minha esposa, meu amor, Silvia por aturar meu mal humor, por toda digitação e contribuições fundamentais nesta dissertação.

Aos meus filhos Helena e Fernando por conviverem com a minha ausência durante a pesquisa.

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

Objetivos: Este trabalho tem por objetivo analisar o comportamento das torcidas organizadas sobre a ótica das festas que expressam a paixão, alegria e a agressividade do torcedor. **Métodos:** Foi realizada uma observação participante na Torcida Tricolor Independente nos anos de 2005 e 2006 com o intuito de compreender as ações do grupo pelo olhar do próprio torcedor, fugindo do estereotipo de marginais criado pela mídia. A seleção deste período se deu por ser os dois primeiros anos que se seguiram após o retorno oficial das torcidas organizadas aos estádios de futebol após dez anos de proibição de suas atividades, com o compromisso de não praticarem violência, fazer somente festa. **Conclusões:** Na observação participante percebi que os torcedores estavam realmente fazendo festa. Festejavam a vitória do time, a agressão a outros torcedores rivais, o enfrentamento a policia, enfim tudo era motivo para comemorar. Ao confrontar os resultados da observação participante com os referenciais teóricos, cheguei a conclusão de que os torcedores quando estão em grupo, transgridem temporariamente às regras sociais, utilizando a violência, a paixão pelo futebol e a indignação com o cotidiano como motivos para festejarem.

Palavras Chave: Torcidas Organizadas, Festa, Futebol Brasileiro, Torcida Tricolor Independente.

ABSTRACT

Objective: This text intends to analyze the behavior of the soccer fan clubs parties that express the passion, joy and the aggressiveness of the soccer fan.

Methods: A participant observation of the Torcida Tricolor Independente has been done in 2005 and 2006 in order to understand the group's actions through the point of view of the soccer fan, escaping from the stereotype of delinquents created by the media. The selection of this period of time was due to being the first two years that followed the official return of the soccer fan clubs to the soccer stadiums after ten years of the prohibition of its activities, with the commitment of not acting with violence, but only to party.

Conclusions: With this participant observation I perceived that the soccer fans were really only partying. They were celebrating the victory of their team, the aggression of the rival soccer fans, the confrontation with the police, in short everything was a reason to celebrate. When facing the results of the participant observation with the theoretical referential, I came to the conclusion that the soccer fans, when into groups, temporarily transgress the social rules, by using violence, soccer passion and indignation towards the daily life as reasons to party.

Key-words: Soccer fan clubs, Party, Brazilian Soccer, Torcida Tricolor Independente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. O Percurso Metodológico	4
CAPÍTULO I.	6
O Surgimento do Futebol e suas Transformações em um Esporte de Massa: do Torcedor de Elite às Torcidas Organizadas	
CAPÍTULO II.	24
Em Busca de um Referencial de Análise: Sistematização de Pesquisas Realizadas sobre Torcidas Organizadas.	
2.1. “ Torcidas Organizadas de Futebol” – Toledo (1996) ¹	24
2.2 – “Torcidas Organizadas de Futebol: violência e espetáculo nos estádios “– Silva (1996) ²	29
2.3. “ Futebol e Violência entre Torcidas Organizadas: a busca da identidade através da violência” – Pimenta (1997) ³	32
CAPÍTULO III.	40
A Torcida Tricolor Independente através do Olhar dos Torcedores: Um Estudo Etnográfico	
3.1 – O Cotidiano da Torcida Tricolor Independente	42
3.2.- Observação Participante nas Partidas de Futebol	45
CAPÍTULO IV.	62
A Festa das Torcidas Organizadas Como Transgressão Temporária	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
BIBLIOGRAFIA	83

INTRODUÇÃO

A idéia inicial deste trabalho partiu da vontade de se desenvolver uma análise sobre Torcidas Organizadas, despertada pela leitura do livro de Buford (1992)¹, em que descreve uma observação participante vivenciada entre os Hooligans, podendo ser constatada no trecho que se segue:

“Algum tempo atrás, voltei de Gales para casa de trem. A Estação era a de um vilarejo nos arredores de Cardiff e cheguei cedo ao local. Comprei uma xícara de chá. Era uma noite fria de sábado e havia outros três ou quatro passageiros na plataforma. Um homem lia o jornal, balançando-se para frente e para trás apoiado nos pés. Em meio a nossa espera ouviu-se um aviso pelo alto falante com respeito a um trem não programado. Pouco depois, outro aviso: o trem não programado estava prestes a chegar e todos deveriam colocar-se a distância de três metros do limite da plataforma. Era uma instrução inusitada, que levou o homem do jornal a erguer a sobrancelha. Imaginei que talvez se tratasse de um trem militar. Alguns minutos depois, apareceram policiais, despontando das escadarias próximas.

O trem era especial para dias de futebol e estava tomado por torcedores. Vinham de Liverpool e havia centenas deles - jamais eu vira um trem tão abarrotado de pessoas – cantando em uníssono: “Liverpool, la-la-la, Liverpool la,la,la”. A letra parece tola agora, mas não o pareceu então. Um minuto antes houvera um silêncio virtual: uma noite galesa de inverno, enevoadada e sonolenta. E Então aquela cantoria, disparada em crescente ferocidade, ressoando pelas paredes da estação. Um guarda fora ferido e, quando o trem parou, ele foi empurrado para fora, as mãos encobrindo o rosto. Alguém no interior do trem procurava arrebentar uma janela com uma perna de mesa, mas a janela não se quebrava. Um homem gordo, de rosto vermelho, tropeçou para fora de um dos vagões e seis policiais acorreram em sua direção, derrubaram-no ao chão e dobraram-lhe o braço violentamente as costas. A reação da policia era exagerada – o trem estava tão abarrotado que o homem gordo

1 – Entre Vândalos: A Multidão e a Sedução da Violência. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1992.

havia pipocado para fora através de uma porta aberta -, mas os policiais estavam assustados. Eu também estava assustado (lembro-me de meus braços estupidamente cruzados a frente do peito), assim, como todos os demais na plataforma. Era uma situação peculiar: estava numa estação ferroviária onde todos a minha volta falavam galês; eu estava ali para apanhar um trem; então, aquela súbita demonstração. Imaginei que ela se dirigia a nós, que aquele canto violento era uma forma de mostrar que eles, os torcedores, estavam em posição de fazer o que desejassem”. (BUFORD, 1992,p 11, 12).

Após a leitura do referido livro de Buford, ocorreu em São Paulo, em 1995, uma briga de Torcidas Organizadas entre a Independente e a Mancha Verde, o que me levou a reformular o objeto de pesquisa, ou seja, a desenvolver um estudo comparativo entre os Hooligans e as Torcidas Organizadas no Brasil. Segue trecho que descreve o que ocorreu no Estádio do Pacaembu, na final da Super Copa São Paulo de Futebol Juniores, conforme aponta Pimenta(1995):

“Estádio do Pacaembu, São Paulo, manhã de domingo, 20 de agosto de 1995; jogavam na final da Super Copa de São Paulo de Futebol Juniores as equipes de base do São Paulo Futebol Clube e da Sociedade Esportiva Palmeiras. No campo, a partida era disputadíssima, e no “gol de ouro” os palmeirenses levaram a melhor. Entre o gol e a comemoração do título, as torcidas organizadas Mancha Verde e Tup, da Sociedade Esportiva Palmeiras, e Independente e Dragões, do São Paulo Futebol Clube, começaram a fazer provocações mútuas. Em poucos minutos, o estádio do Pacaembu transformou-se no palco de uma batalha em que centena de jovens empunhando paus e pedras agrediam-se, protagonizando uma cena dantesca.

Transmitida ao vivo pela mídia, as imagens logo tomaram a proporção de espetáculo, repisadas exaustivamente pelos canais de televisão. No placar final do tumulto, foram contabilizados 105 feridos e uma vítima fatal, o torcedor independente Marcio Gasparin da Silva. O episódio foi batizado pelos jornalistas de Batalha Campal do Pacaembu”. (PIMENTA ,1995, p. 262, 263).

A descrição feita por Buford refere-se a um conflito entre os hooligans do Liverpool contra a polícia inglesa na década de 80. Já a segunda é

sobre a Batalha Campal do Pacaembu entre são-paulinos e palmeirenses no final da Supercopa de Futebol Juniores.

A opinião pública logo passou a comparar as torcidas organizadas brasileiras com os Hooligans ingleses. Neste sentido, a justiça tentou imitar a inglesa, proibindo estas facções de entrarem nos estádios de futebol do Estado de São Paulo com símbolos que as identificassem e com o fechamento de suas sedes.

O tiro saiu pela culatra. As diferenças com os Hooligans ingleses foram significativamente reduzidas, pois as torcidas organizadas continuaram a se encontrar nos locais combinados, se posicionando em grupos em locais específicos dentro dos estádios de futebol, cantando músicas de guerra, incentivando o time e praticando violência contra as outras torcidas organizadas, torcedores comuns, patrimônio público e assim por diante, mas com uma diferença, no anonimato, ficando aparentemente idênticas aos Hooligans.

Diante deste cenário, as orientações transmitidas pela Professora Dr^a Márcia Regina da Costa, serviram de alerta para se perceber que além do tema da violência já ter sido bastante explorado por outros autores, é também, muito complexo em função da não existência de uma ideologia nas Torcidas Organizadas, diferentemente do racismo e nacionalismo dos Hooligans. Além do mais, enquanto os Hooligans se posicionam assumidamente como marginais perante a sociedade, as Torcidas Organizadas enfrentam e resistem ao sistema na busca de legitimidade e inclusão, apesar da rejeição do Estado, da mídia e da opinião pública.

Desde a proibição das atividades em 1995, após o conflito entre são-paulinos e palmeirenses no estádio do Pacaembu, as Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo passaram a buscar na justiça o direito de retornarem de forma legal aos estádios de futebol com suas faixas, camisetas, bandeiras e bateria, para realizarem uma completa festa nas arquibancadas.

Por sua vez, ao pesquisar noticiários em jornais e revistas, percebi que havia uma tendência de marginalização dos torcedores, criando-se um estereótipo de delinqüentes, vândalos e transferindo para o imaginário da sociedade.

Assim sendo, direcionei o meu interesse para pesquisar esses grupos pelo prisma dos próprios integrantes e não pelos olhos da imprensa. Compreender e interpretar as Torcidas Organizadas dos principais clubes de São Paulo deixaria o trabalho muito amplo e conseqüentemente superficial e incompleto. Nesta direção, optei pela Torcida Tricolor Independente do São Paulo Futebol Clube, por eu ter pessoas conhecidas dentro da mesma, facilitando meu acesso e por ser são-paulino colocando uma pitada de paixão na pesquisa.

1.1 – Percurso Metodológico

Para atender os objetivos propostos optou-se pela utilização da observação participante, nos dois primeiros anos de reabertura das Torcidas Organizadas (2005 e 2006), com o objetivo de demonstrar a festa como manifestação de transgressão. Geertz mostrou a distinção entre o “estar lá” e “estar aqui”. No primeiro a situação é o momento do trabalho etnográfico de anotar acontecimentos e descrever os cenários, já na segunda etapa é o ato de escrever fora do campo de pesquisa, interpretando e comparando o material coletado com os referenciais teóricos e a inevitável influência sofrida pela própria cultura.

“Temos de admitir que é mais do que uma tradução de cultura nativa na cultura antropológica... realizamos uma interpretação que, por sua vez, esta balizada pelas categorias ou pelos conceitos constitutivos da disciplina”. (GEERTZ, 2005p 27).

No seu início, a etnologia tinha como objetivo as sociedades isoladas de caça, coleta e agricultura. Não foi pensada a complexidade das sociedades urbanas do mundo globalizado. No entanto, é apenas uma técnica e nem foi desenvolvida para objetivos específicos, ela serve para apreensão e

também é flexível para diferentes objetos. Conforme Magnani (2002), as grandes cidades podem ser analisadas de “perto e de dentro”, em contextos variados como trabalho, lazer, religião e outras práticas de grupos que passam despercebidos nos estudos realizados de “fora e distante”. Neste sentido, a etnologia urbana concentra os estudos nos atores sociais, nos grupos e no espaço como integrante ativo e não apenas um cenário.

Durante dois anos de observação participante, frequentei ativamente a sede da Torcida Independente na rua 24 de Maio, centro de São Paulo. Tive também encontro com outros membros da torcida, na maioria das vezes realizados no Bar do Queiroz (Komilão) na zona Sul de São Paulo, estabelecendo uma maior afinidade com estas pessoas como os gêmeos, PH, Ale, Mortão e conseqüentemente me integrando em um dos “bondes” (expressão usada para caracterizar a região da cidade que moram e o tipo de comportamento e amizade adquirido) no caso foi o Bonde Zona Sul.

No entanto, o fundamental da pesquisa foram os jogos. Nestes dois anos foram partidas no Morumbi e caravanas em outros estádios. Registrei em uma caderneta todos os fatos ocorridos, fossem rotineiros ou não. Além do comportamento da Independente nas arquibancadas, anotei também os caminhos de ida e volta dos estádios, os preparativos na sede, as caminhadas dos “bondes” e aventuras perigosas que passei. A segunda etapa do trabalho foi relacionar as anotações coletadas na “observação participante” com os referenciais teóricos. Foram analisadas pesquisas que tratam sobre o tema das Torcidas Organizadas de futebol, das festas como resistência e transgressão nas relações dos indivíduos com a massa.

Capítulo I:

O Surgimento do Futebol e suas Transformações em um Esporte de Massa: do Torcedor de Elite às Torcidas Organizadas

“Um cínico diria: 22 homens correndo atrás de um pouco de ar comprimido em alguns centímetros de couro. Mas seria ignorar o principal: a habilidade física necessária para que essa bola sempre tão fugidia e rebelde submeta-se finalmente ao império da nossa vontade; o esforço dos músculos e a tensão do espírito sem os quais não se dobra o adversário; a identificação afetiva e passional da torcida. Onze homens solitários representando todo um clube, toda uma cidade, todo um estado, toda uma nação. Decidindo em noventa minutos a felicidade ou infelicidade de milhões de pessoas. O futebol começa como um esporte, uma exibição das potencialidades atléticas do homem: corrida, salto, galope de vista, resistência, reflexos. E termina como um poderoso símbolo da vida social”. (Prado, 1997, p.200).

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo, sendo praticado em quase todos os países do planeta e por qualquer grupo social, sejam pobres, ricos, políticos, militares, clérigos, muçulmanos, cristãos, protestantes, comunistas, capitalistas, enfim todos se curvam diante do fascínio deste jogo. Uma hipótese desta paixão mundial é a de que é um esporte fácil de se jogar e com regras simples. Para ocorrer uma disputa é preciso ter um gramado, três traves (uma em cada extremidade), uma bola, duas equipes composta de 11 jogadores cada, uniformes de cores diferentes, caneleiras e chuteiras. Pode ser mais simples ainda, pois se joga na praia, na rua, no quintal, na escola, em terrenos baldios, em qualquer lugar. O uniforme pode ser o time de camiseta contra o sem camiseta, ambos com os pés descalços, as traves podem ser um par de chinelos em cada lado e os limites dos campos marcados por riscos de tijolo. Em jogos não oficiais o número de jogadores de cada equipe é definido na hora e o tempo de jogo não precisa ser exatamente de dois tempos de 45 minutos, pode ser 10 minutos ou dois gols, saindo a equipe derrotada para a entrada de outra que está na espera.

A bola pode ser de couro, de plástico ou encher um pé de meia com papel, tudo pelo prazer de jogar futebol.

Não se tem uma definição precisa da origem do futebol (Aquino, 2002). São divergentes e escassas as informações de seus primórdios. O certo é que no século XXI, a FIFA possui mais países associados que a própria ONU, mostrando que o futebol tem um grande potencial para contribuir para a tolerância mundial. Alguns jogadores e clubes já entraram em campanhas de paz e solidariedade, utilizando o prestígio que possuem com admiradores pelo mundo inteiro. No entanto, o sucesso de seus jogadores e suas marcas não ocorreram de um dia para o outro, foi uma trajetória milenar, em que os primeiros registros encontrados por pesquisadores datam de 202 aC. na China¹.

A nobreza britânica do século XVII estipulou regras com objetivo de ser um esporte que visa o bem estar físico e a sociabilidade entre os jogadores. Neste momento histórico não se pretendia agredir os rivais como ocorria no fim do período medieval, mas sim criar e fortalecer laços de amizade e influência entre os nobres. Em uma conferência na cidade de Cambridge no ano de 1848 estabeleceram as primeiras regras para o futebol. Estas foram constantemente acrescentadas e transformadas na segunda metade do século XIX, até que em 1885 foi criada a International Board, entidade composta por especialistas com a função de alterar e acrescentar regras ao futebol, sempre visando a sociabilidade, dinâmica do jogo e preservação dos jogadores. Apesar da profissionalização e de todo o regramento do futebol, continuava proibido para a população, sendo permitido somente jogos nos colégios britânicos destinados à nobreza. Sem poder praticar, a população queria pelo menos assistir as partidas, pois mitos surgiram sobre os jogos através de historias inventadas pela população de jogadores guerreiros e com poderes sobrenaturais, alimentando o imaginário e criando os primeiros relacionamentos entre times e torcedores.

¹ – Segundo R.S.L. de Aquino, no livro Futebol, Uma Paixão Nacional, na China praticava-se tshtchu (golpe na bola com o pé), usado pelos soldados da guarda do imperador Huang-ti.

No início do século XIX, a Revolução industrial já havia consolidado o capitalismo como o novo sistema dominante e os proprietários rurais foram substituídos pela aristocracia financeira. Os filhos dessa nova classe dominante começaram a jogar futebol nas escolas com o objetivo de praticar esportes disciplinadores, que buscavam companheirismo e que canalizasse as energias que poderiam ameaçar a estabilidade política, social e financeira. No início do século XX, o futebol internacionalizou através da FIFA (Federation International of Football Association), que iniciou com 14 regras e depois passou a ser 17 com pequenos ajustes ao longo do tempo, facilitando a compreensão e conseqüentemente do interesse das pessoas.

A expansão imperialista e o nacionalismo do final do século XIX e início do século XX passou a ser representado pelo futebol. Países disputavam partidas contra rivais com objetivos que transcendiam a partida de futebol, em jogo era colocado algo maior que a partida, estava em disputa toda uma nacionalidade. No século XXI, qualquer partida entre as nações do Reino Unido, holandeses, alemães, franceses, italianos, turcos e suíços, necessitava de forte proteção policial devido às rivalidades entre os países. Um exemplo foi o jogo entre Alemanha e Inglaterra no ano de 2001, em que torcedores ingleses cantavam músicas referentes à Segunda Guerra Mundial, dizendo que os alemães foram derrotados, humilhados e que ainda são uma vergonha mundial. Na América do Sul já é comum ver e escutar argentinos chamarem os brasileiros de “macaquitos”, caracterizando o racismo e uma condenação ao sistema escravista que foi marcante na história brasileira. As rivalidades entre nações são também intercontinentais, como por exemplo, a eliminação da Inglaterra pelo Brasil na Copa do Mundo de 2002. Indignados, a BBC de Londres (rede de televisão inglesa) colocou no ar entrevistas de pessoas que falavam que os jogadores brasileiros são melhores devido à população ser formada por desocupados que ficam nas praias jogando futebol o tempo inteiro em vez de estudar e trabalhar.

Prevendo que as rivalidades nacionalistas, racistas e políticas poderiam ser canalizadas para o futebol, deixando a disputa somente para os jogadores dentro de campo, evitando conflitos bélicos, foi incorporado nos Jogos Olímpicos a partir de 1908, consagrando a Inglaterra como campeã. Mesmo com as atividades esportivas interrompidas pela Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), os soldados jogavam nos momentos de folga. Segundo Aquino (2002), no Natal de 1914 uma trégua foi estabelecida e uma partida de futebol foi disputada entre soldados alemães contra franceses. Percebendo o crescimento e interesse das nações nesta modalidade esportiva, Jules Rimet, presidente da FIFA desde 1921, propôs um torneio internacional de futebol independente dos Jogos Olímpicos. Apesar da crise econômica de 1929, europeus e os Estados Unidos mandaram suas seleções para a 1ª Copa do Mundo que seria realizada em 1930 no Uruguai. O sucesso foi comprovado com o público de 100 mil pessoas para assistir a final entre Uruguai e Argentina.

As primeiras partidas de futebol no Brasil foram realizadas por ingleses tripulantes de navios mercantes nas praias e capinzais em meados do século XIX. Em 1875, trabalhadores ingleses e brasileiros, funcionários de empresas britânicas, disputaram partidas nos momentos de folga. No entanto, o futebol se tornou oficial no Brasil em 1894 quando Charles Miller, paulista filho de ingleses, retornou ao Brasil após terminar estudos na Inglaterra com o futebol como novidade. Fascinado por este esporte, passou a formar times e promover partidas. Na verdade, o futebol foi chegando aos poucos no Brasil por intermédio de marinheiros ingleses que praticavam nas ruas junto com a população. No entanto, a burguesia sempre escolhe um símbolo para oficializar o fato e assumir o papel de protagonista no futebol, na política, na economia, enfim em toda história do Brasil a desde o Descobrimento.

Os primeiros campeonatos oficiais de futebol eram disputados na Várzea do Carmo, no campo da Companhia Paulista de Viação (SILVA,1996). No final do século XIX e início do século XX diversas equipes se formaram através de clubes que passaram a se reunir em federações para disputa de torneios. Tanto na Europa quanto no Brasil o futebol surgiu como um esporte de elite, praticado em colégios e clubes freqüentados pela alta sociedade, sustentada pelo dinheiro e sobrenome. No entanto, as poucas regras e o material simples fez do futebol um esporte de fácil acesso em que bastava ter uma bola de couro ou pano e um campo que poderia ser de grama, terra, areia, asfalto, em uma praça, várzea, rua ou em qualquer terreno baldio para a bola rolar.

Mesmo discriminados e rejeitados social e financeiramente de praticar e assistir a partidas, pois somente sócios dos clubes tinham permissão para jogar nos times e freqüentar as arquibancadas, negros e brancos pobres ficaram tão fascinados pelo futebol que assistiam os jogos em cima de telhados, árvores e muros próximos aos campos. Sendo inevitável essa presença “desagradável”, criaram no pior lugar dos estádios um espaço com preços baixos para a população pobre poder assistir aos jogos, estava nascendo a Geral. Aos poucos o futebol foi conquistando pobres, ricos, brancos, negros, políticos, imprensa, enfim, todas as classes sociais. Nas periferias as crianças jogavam descalços, sem camisa e com bolas de meia.

“Clubes da esquina começaram a aparecer em todo o país. O mais famosos foi o do Corinthians Paulista. O Corinthians inglês, em 1910, em uma excursão pela América do Sul, chegou aqui e goleou todo mundo... Suas vitórias foram recebidas pela turma da geral e pela corja fedorenta, que espiava por traz do muro, como vingança (naquela fase éramos fregueses de caderno) de ingleses e argentinos. Um mês depois, um grupo de artesãos e pequenos funcionários fundaram o Corinthians Paulista, no Bom Retiro. Ao lado dos grã-finos do São Paulo Athletic e do The São Paulo Railway, havia agora, um time do povo”. (Santos,1981)

Após a primeira guerra mundial, houve mudanças na sociedade mundial com o maior desenvolvimento das indústrias que designou o aumento de fábricas e conseqüentemente de empregos e migração para algumas cidades. No Brasil a cidade de São Paulo foi a que mais cresceu neste período pós-guerra. Os interesses econômicos logo tomaram a frente dos sociais e os jogos de futebol deixaram de serem disputados em clubes reservados somente para sócios para serem vendidos ingressos a qualquer pessoa que tivesse curiosidade ou vontade de assisti-lo, independente de sua condição social, financeira ou de vínculo com algum clube. Não foi apenas nas arquibancadas que houve mudanças, dentro do campo ser jogador não era mais exclusividade dos membros de famílias ricas, pobres e negros passaram a serem aceitos quando jogavam bem. Por ironia, desde o início do futebol no Brasil a maioria dos melhores jogadores eram negros e membros de famílias pobres. Neste sentido, o imaginário popular que buscava sucesso na vida, passou a ser alimentado ao ver pessoas de origem pobre conquistando dinheiro, fama e respeito.

O futebol adquiriu o nível de algo transgressor no brasileiro, uma magia vertiginosa que reflete de forma temporária e intensa todas as frustrações, alegrias, sonhos, e esperanças dos indivíduos na vida cotidiana. Toda a sociedade passou a necessitar do futebol para comprovar os seus sucessos ou fracassos. A inesperada derrota na final da copa de 1950 para o Uruguai em pleno Maracanã deixou uma sensação de que o Brasil é um país fracassado em com pessoas incompetentes, justificando sua posição de país subdesenvolvido. No final da década de 50 o presidente Juscelino Kubitschek proporcionou um período de eufórico desenvolvimento com abertura econômica e desenvolvimento industrial com destaque para a construção de Brasília e as fábricas automobilísticas. No meio artístico, político, popular, enfim, em todos os segmentos sociais, havia um sentimento de evolução do país e do povo a caminho do 1º mundo. Dentro deste contexto

de migração, o compositor João Gilberto escreveu o samba “Chega de Saudade”, exorcizando os fantasmas do passado que entristeceram e inferiorizaram o povo brasileiro. Toda esta empolgação e esperança que foram destruídas em 1950 com a derrota da seleção brasileira, tiveram resultados diferentes na Suécia quando o Brasil encantou o mundo com a conquista da copa do mundo de 1958, goleando os donos da casa por 5 x 2 na final (AQUINO, 2002). Nas ruas de todo país o povo cantava:

“A Taça do Mundo é nossa!
Com brasileiro,
Não há quem possa!
E eeta esquadrão de ouro,
É bom de bola,
É bom de coro!”

O Brasil se tornou o melhor do mundo devido a participação fundamental de pobres e negros como Garrincha, Pelé, Didi e Vavá. A população menos favorecida passou a ter seus semelhantes como símbolos de vitória do país, criando uma identidade no imaginário popular entre os ídolos da bola com o povo em que jogadores e times passaram a ter uma identificação com o torcedor maior do que com o próprio clube que estão defendendo. Assim o futebol foi aos poucos se tornando algo mais que um esporte, passou a representar toda a cultura brasileira, surgindo o que Nelson Rodrigues chamaria de A Pátria de Chuteiras. Isto ficou bem representado em duas crônicas feitas por ele, sendo uma antes do início da copa de 1958 e a outra logo após o título. A primeira, com o título de Complexo de Vira-lata:

“...desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na ultima batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar... Por complexo de vira-latas entendo eu a inferioridade em que o

brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol.” (RODRIGUES, 1994 p51).

Com a conquista da primeira Copa do Mundo pelo Brasil em 1958, sendo um negro o principal responsável (Pelé), as classes populares sentiram-se incluídas e ativas no espetáculo futebolístico, mudando a característica do torcedor, substituindo a identificação do time com o sócio do clube para começar a ser construída uma identidade da torcida com jogadores e o time, popularizando os freqüentadores de estádios e desvinculando o time de futebol do clube que representa. No jornal Manchete Esportiva de 12/7/1958, logo após o título mundial, escreveu a crônica com o título: É chato ser Brasileiro:

“Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: _ a vitória final, na copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos de Pelé, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita... Graças aos 22 jogadores, que formavam a maior equipe de futebol da terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados não de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos... Do presidente da Republica ao apanhador de papel, do ministro do supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: - é chato ser brasileiro! Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional... O povo já não se julga mais um vira-lata. Sim amigos: - o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: - o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro.”.(RODRIGUES, 1994, p 60-61).

Apesar do país estar vivendo um momento conturbado na política em 1962 com a renúncia de Jânio Quadros e a insatisfação de todos os setores da sociedade com o presidente João Goulart, a seleção brasileira não foi influenciada, utilizando a confiança e base adquiridos em 1958 para ganhar o bicampeonato mundial. Nelson Rodrigues continuava com suas crônicas, retratando com clareza que o brasileiro não enxerga o futebol como apenas

um esporte e a seleção brasileira como somente um time dos melhores jogadores do país e sim como a representação de toda cultura e dignidade de um povo. Escreveu no jornal O Globo de 23/06/1962 Beijos Imaculados:

”.O brasileiro! Nos sabemos que, normalmente, o brasileiro é um fauno de tapete. Usamos sapatos para disfarçar os pés de cabra. Em Santiago, porém, na noite do triunfo, os nossos patrícios foram sufocados por uma golfada de bondade total. Amigos, costumo dizer que qualquer um tem o seu momento de São Francisco de Assis, e insisto:-o vigarista, o batedor de carteiras, o ladrão de galinhas ou o Drácula podem, sob um estímulo qualquer, virar um santo. Ainda está para se escrever um capítulo sobre os beijos do bi, na capital chilena. Ao soprar o apito final, cada brasileiro presente sentiu-se fisicamente implicado no triunfo. Aliás, o bi foi um êxito pessoal de 75 milhões de sujeitos. Todos nós ganhamos, todos nós chutamos.” (RODRIGUES,1996 p 96)

Nos anos 20, o torcedor de futebol era um público de famílias da alta sociedade, típico de um esporte elitista, em que as arquibancadas também serviam para as famílias desfilarem seus artigos europeus. Em meados dos anos 40 e toda a década de 50 presenciou-se no Brasil o surgimento das torcidas uniformizadas (SILVA, 1996). Diferentes das organizadas da década de 90 eram cordiais entre as si com os integrantes sendo sócios dos clubes e símbolos exemplares de comportamento, de apoio ao time e além disto, reprimiam torcedores que utilizavam palavrões e provocassem brigas. Esta última era considerada atitude de embriagados ou fanáticos que apareciam de vez em quando e de forma isolada. Assim, o torcedor de futebol ficou dividido em três grupos: O primeiro era formado pelos torcedores uniformizados, compostos por sócios dos clubes que eram geralmente membros da alta sociedade e responsáveis pela festa, alegria, incentivo e manutenção do bom comportamento nos estádios. Já o segundo grupo era o torcedor comum, representado por trabalhadores de vilas e subúrbios que juntamente com seus familiares, buscavam diversão e entretenimento. Já o terceiro grupo eram os causadores de todo o transtorno no futebol, movidos

pela paixão, fúria e violência. Neste período, fanatismo e violência não estavam ligados aos torcedores uniformizados e nem ao lado festivo.

Nos anos 60 e 70 a transformação do público de futebol ocorre devido a acelerada industrialização dos centros urbanos e êxodo rural. Enquanto a classe burguesa substituía o futebol por cinemas e shopping center, a classe popular passou a ser a maioria nas arquibancadas com migrantes de outros Estados e interior se deslumbrando com a capital paulista, identificando-se com os ídolos e buscando a realização do sonho de ver os craques nos estádios (TOLEDO, 1996). Estes novos torcedores surgiram junto com a urbanização descontrolada, miséria, desemprego e outros problemas que deixaram a população insatisfeita e conseqüentemente tornando o estádio de futebol um local para extravasar tensões originadas nestas injustiças sociais. Estas transgressões ganham corpo com o surgimento das torcidas organizadas na década de 60, caracterizadas por uma maioria de jovens de comportamentos e ideais diferentes dos torcedores das uniformizadas dos anos 40. O torcedor deste período já não é mais aquele pacífico do início do século XX, ele é o trabalhador que luta contra o sistema em busca de igualdades e contra injustiças. O que eram famílias com seus trajes distintos passou a ser um público predominantemente masculino e de jovens da classe trabalhadora que substituiu a cordialidade pela rivalidade. Desta forma, a violência que se instalou no Brasil, chegou nas arquibancadas com a repressão policial e resistência dos torcedores. Enquanto as torcidas uniformizadas, compostas por sócios dos clubes de futebol e por membros da burguesia dominante, eram submissas, as torcidas organizadas surgem dos movimentos de resistência, representando os torcedores fanáticos pelo time, mas sem vínculo com nenhum clube, federação e nem com o próprio Estado. Gás lacrimogêneo, cacetetes, bambus, bombas caseiras, depredações, gritos de guerra e coreografias militarizadas passaram a fazer parte das torcidas de futebol à partir dos anos 70 até meados dos anos 90.

As mudanças não ocorreram somente nas arquibancadas dos estádios de futebol, movimentos Hips surgiram em todo planeta buscando liberdade de expressão, resistência a opressões, ideais anticapitalistas e consumistas da indústria cultural. Adolescentes surgem como novos agentes de forma ativa e consciente de sua participação nas transformações sociais e na reconstrução de suas próprias identidades (SILVA, 1996). Foi dentro deste contexto que nasceram os Gaviões da Fiel em 1969 e a Tricolor Independente em 1972. Considerados como os responsáveis pela festa nas partidas de futebol, foram apoiadas por dirigentes esportivos, imprensa, políticos e empresários. Estavam proporcionando a volta do público aos estádios, fortalecendo a renda dos clubes com as vendas de ingressos, beneficiando empresários com a comercialização dos seus materiais esportivos e produtos ligados indiretamente ao futebol, ajudando políticos com apoio em suas campanhas e oferecendo altas audiências e vendas de jornais para a imprensa.

O fanático, que sempre chega ao estádio embrulhado na bandeira do seu time, cara pintada, tatuagens por todo o corpo, arrumando confusão, humilhando pessoas e destruindo ônibus, bancas de jornal, enfim, tudo que encontrar pela frente. Não ficam preocupados com o jogo, os desejos são somente de usar drogas e criar baderna. Estes passaram a ter a imagem ligada às torcidas organizadas, colocando-as no mesmo nível que outros grupos racistas com ideologias políticas de extrema direita como os Carecas do Subúrbio, Skin Heads e outros. Talvez isto tenha ocorrido porque as Torcidas Organizadas também são grupos excluídos que apresentam atitudes transgressoras como um sinal de resistência a esta exclusão.

Após a tragédia ocorrida no estádio Heysel em Bruxelas no dia 29/05/1985 na final da Supercopa dos Campeões da Europa entre o time do Juventus de Turim (Itália) contra o Liverpool (Inglaterra) em que 39 italianos foram mortos e centenas ficaram feridos após os ataques dos torcedores

ingleses, o termo hooliganismo passou a ser empregado para as Torcidas Organizadas a partir dos anos 90 devido aos constantes confrontos entre torcidas rivais com a Polícia Militar e contra o patrimônio público. O conflito de 20/08/1995 no estádio Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) entre são-paulinos da Torcida Independente e Dragões da Real contra os palmeirenses da Mancha Verde e Tup, transmitido ao vivo pela televisão, representou o final de um ciclo das Torcidas Organizadas. Com as atividades encerradas e proibidos de entrarem nos estádios do Estado de São Paulo, os torcedores continuaram a se reunirem e freqüentarem os jogos de futebol de forma anônima, dificultando a identificação das facções e seus integrantes. Estes novos fatores levaram a uma semelhança maior com os famosos Hooligans, que também proibidos de se manifestarem dentro e fora dos estádios ingleses, utilizam o anonimato para protegerem suas atividades. No entanto, as comparações ficaram somente para o senso comum, alimentado pelas reportagens jornalísticas, porque as Torcidas Organizadas nunca possuíram ideologias políticas significativas e buscavam recuperar por meios legais os direitos de retornarem aos estádios com suas faixas, bandeiras, camisetas e baterias, diferentemente dos Hooligans que tem orgulho de serem grupos excluídos da sociedade.

A Tricolor Independente nasceu das divergências de idéias e posturas entre os filiados da extinta Tusp (Torcida Uniformizada do São Paulo). Em março de 1972 quando o São Paulo Futebol Clube disputava uma partida da taça Libertadores da América no Paraguai contra os times do Olímpia e Cerro Portenho, a Tusp realizou uma caravana com 8 ônibus para acompanhar o time nas duas partidas em que no preço estava incluído ingressos e hospedagem. Além do time perder as duas partidas por 1x0 e 3x2, os torcedores descobriram que enquanto ficavam em pensões, os diretores se instalaram em um hotel luxuoso e também estavam vendendo as camisetas e brindes que a torcida levou para distribuir gratuitamente para adquirirem simpatizantes. No próprio caminho de volta para o Brasil, já

estava começando a se cogitar a formação de uma nova torcida. Quarenta pessoas lideradas por Newton Ribeiro, Ricardo Rapp e Rinaldo Cardoso formaram a nova torcida. Logo no início, a primeira dificuldade foi com o próprio São Paulo Futebol Clube, que, temeroso em não controlar todos seus torcedores organizados como fazia até aquele momento com a Tusp, disse através do diretor social, Arnaldo Ruick: “isso é coisa de corintiano e maloqueiro”. Outro problema que tiveram de superar foi à falta de um local para se encontrarem, pois, qualquer reunião em grupo em locais públicos já era logo reprimido pela Polícia Militar. A primeira reunião foi realizada em uma sala emprestada da empresa Esfera Tour na Avenida Ipiranga. Decidiram o nome, camiseta, composição da diretoria e formato das bandeiras. Inicialmente queriam colocar o nome de algum animal, muito comum na época. No entanto, a inspiração apareceu dos movimentos resistência que vigoravam no mundo e no Brasil em busca de liberdade e igualdade. O nome “Independente” foi aceito pela maioria devido representar bem os ideais da torcida em relação ao clube, diferentemente da Tusp. A camiseta eleita foi a do uniforme numero um, que é camisa branca com listras vermelha e preta na horizontal, nome da torcida na altura do coração e nas costas com letras em forma de arco juntamente com o símbolo do santo que representa o clube embaixo dos escritos. As bandeiras eram sempre maiores que quatro metros com listras vermelha, branca e preta na horizontal e com o nome da torcida no meio. Já a diretoria era formada por: presidente, vice-presidente, coordenador de campo e tesoureiro. A data oficial da fundação foi o dia 17 de abril de 1972 em que para ser sócio, precisava ser são-paulino, ter duas fotografias e pagar uma mensalidade.

O primeiro jogo que a torcida apareceu oficialmente foi no dia 23 de abril no estádio do Pacaembu em um jogo contra a Portuguesa. A instalação foi no meio do estádio, já que a Tusp ocupava toda parte traseira. No Morumbi seguiram a mesma linha, se estabelecendo no centro da arquibancada. Além de ficarem exaustivamente convidando torcedores para

se associarem, tinham que chegar muito tempo antes dos jogos ao estádio para cortar o bambu e colocar as bandeiras, pois não tinham como transportá-las do centro da cidade até o Morumbi. Somente em 1973 conseguiram um espaço dentro do estádio para guardar o material. Depois de encerrado o contrato da Avenida Ipiranga, ninguém queria alugar um espaço para torcida organizada, dificultando as reuniões. A solução chegou quando conseguiram uma sala de uma firma de café falida em uma Galeria na Rua 24 de maio, no centro de São Paulo, local que permanecem até hoje.

A Independente nos três primeiros anos se constitui de uma média de 200 associados, contratando baterias de escolas de samba para destacar as coreografias da torcida e superar a Tusp que possuía mais recursos e associados. O crescimento da torcida levou a criarem a própria bateria nos anos 80. Na década de 90 fundaram um bloco carnavalesco e no início dos anos 2000 chegaram próximos a se tornarem uma escola de samba. Em relação aos associados, atingiram a marca de 1000 em um ano, 10.000 no final da década de 80 e mais de 30.000 em 1995. Para legitimar-se como a torcida símbolo de todo são-paulino, decidiram comparecer em todos os jogos independentemente do local. A primeira caravana realizada para Piracicaba em 1972 para o jogo contra o XV de Piracicaba foi com um ônibus e vinte pessoas; em 1991 foram cem ônibus com 4.000 torcedores para Belo Horizonte no jogo Atlético MG e São Paulo F. C.

Em agosto de 1995 após a briga entre a torcida do São Paulo contra a do Palmeiras levou a Federação Paulista de Futebol a proibir a entrada nos estádios e a justiça por meio do Ministério Público a fechar por completo as atividades da Torcida Tricolor Independente. Durante três anos os torcedores não podiam usar roupas e nem cantos que lembrem a Independente, formando um anonimato semelhante ao dos hooligans. Em 11 de Novembro de 1998 foi fundada a nova Tricolor Independente com novos fundadores e diretores, mas mantendo o respeitado nome adquirido em seus 26 anos de

história. Após a fundação a luta foi para recuperar a antiga sede, novos materiais e quitar as antigas dívidas. Esta última ocorreu porque a diretoria antiga usou o dinheiro para fins particulares, deixando a torcida com uma dívida acima de 250 mil reais. A nova diretoria seguiu no poder ganhando eleições até o ano de 2004. No entanto, a oposição venceu a eleição de 2005, gerando muita confusão e divisão interna na torcida Tricolor Independente.

O grupo que estava no poder durante seis anos se negou a sair, o que levou a uma reação violenta. Ao exigir explicações da antiga diretoria, sobre os motivos de não obedecerem aos resultados da eleição, a resposta foi: “A torcida esta tomada”. O partido que venceu as eleições invadiu com violência a sede da torcida, expulsando os derrotados. Como provocação à resposta dada pela diretoria antiga à conquista pelo retorno oficial e legalizado dos direitos de freqüentar os estádios com faixas e camisetas, os vencedores passaram a ser chamados de “A Retomada”. Em pouco tempo organizaram as finanças, fortaleceram os “bondes” do interior e da capital, e voltaram a realizar as caravanas para os estádios do Brasil e do Mundo.

Pelo fato do time chamar-se São Paulo Futebol Clube, o símbolo utilizado foi à imagem do canônico apóstolo romano. Apesar de a Independente usar este símbolo para demonstrar que são torcedores do São Paulo Futebol Clube, transformaram a imagem do santo em um personagem forte, de punhos cerrados e expressão fechada com objetivo de representar a força e o poder que exercem. Já a imagem de Che Guevara complementa a primeira, representando um guerrilheiro que buscava a independência e a igualdade dos latinos americanos. A faixa que a Independente usa nos estádios para demarcar seu território expressa bem esta face da torcida: “sentimentos movidos por um ideal”.

No início da década de 80, o Brasil vivia momentos de abertura política e movimento para eleições diretas. Isto atingiu o futebol, em que o Sport Clube Corinthians Paulista foi o maior exemplo com um movimento político de jogadores que democraticamente participaram através do voto sobre as escalações, concentrações e outras decisões juntamente com a comissão técnica. Neste momento não era mais o governo e sim a oposição que estava utilizando o futebol como meio de divulgar sua política. Com os movimentos democráticos contra o governo ganhando força no cenário nacional, as torcidas organizadas passaram a refletir exatamente este contexto de violência, resistência e repressão em suas manifestações. Com o aumento da violência, as torcidas organizadas logo passaram a buscar alianças com outras torcidas. Enquanto a Independente liderava a frente composta por Máfia Azul, Jovem Fla, Camisa 12 – Inter e Jovem Sport; a Mancha Verde comandava a união com a Galoucura e Força Jovem – Vasco. A polícia Militar, com a estrutura ainda baseada na ditadura para a formação dos seus soldados, seguiu no caminho contrário da paz nos estádios, se transformando em uma terceira frente deste estado de guerra. Nos anos 90 as torcidas organizadas atingiram seu auge, não somente na violência, mas também na influencia direta na direção dos clubes, na atuação dos times, na vida social dos jogadores, na política da cidade e nas festas nos com cantos, gritos e coreografias que somados formaram um espetáculo paralelo e cativante nos estádios. As torcidas organizadas transformaram o torcedor em um agente ativo no futebol, determinando os pensamentos e atitudes dentro e fora dos estádios com poderes de coerção a jogadores e dirigentes esportivos. Diferentemente de outras épocas em que tentavam agradar os torcedores com objetivos de lucros na venda de ingressos, o final do século XX, jogadores, políticos e os próprios clubes passaram a agradar as torcidas organizadas por medo de sofrerem agressões e ameaças. Em toda historia do Brasil, sempre quando algum movimento social ou instituição oferecer ameaça de substituir ou resistir ao poder dominante, buscam eliminá-los com alegação de ameaça ao bem estar social.

As torcidas organizadas cresceram tanto que transgrediram a posição de torcedores de futebol, passaram a serem grupos com participação ativa no futebol e na sociedade em geral. As torcidas organizadas proporcionam um ambiente seguro, sem discriminação, participativo e com liberdade de expressão para todos aqueles que buscam inclusão social e conseqüentemente reconstruírem a própria identidade. Confirmada como a torcida representante dos são-paulinos, formando opinião, definindo coreografias e cantos a serem praticados nas arquibancadas, a Tricolor Independente passou a buscar a legitimação desse poder com cobranças ostensivas dos jogadores e dirigentes através de atitudes repressivas e violentas. Esta última após o advento de alianças paramilitares com outras torcidas organizadas foi também praticada contra facções inimigas, principalmente a Gaviões da Fiel e Mancha Verde. As palavras amor e “ser um independente” aparecem constantemente neste momento para mostrar uma identidade coletiva de um grupo unido, forte, coeso e ativo:

“Agora é hora de todos verdadeiros independentes se unirem e levantarmos a bandeira da paz para conseguirmos a volta da festa por completo nas arquibancadas, mostrando a força da nossa torcida...”.

É interessante ressaltar que as conscientizações para o fim da violência e a participação em campanhas de solidariedade fizeram parte dos projetos da nova Independente, mostrando que não são um grupo de torcedores e sim uma nova entidade com fins além dos futebolísticos. No entanto, a imprensa e o próprio São Paulo Futebol Clube buscam sujar o nome da torcida responsabilizando-os de todas ocorrências de violência que ocorrem nos jogos. Neste contexto, as músicas passaram a exaltar mais o nome da torcida do que o do próprio clube, explicitando a independência das torcidas organizadas.

“Olê, olê... olê, olê, olá...”

Olê, olê, olê, a cada dia te quero mais,

Por que!?

Soou Independente (Independente)

É o sentimento que jamais acabará”

Capítulo II.

Em Busca de um Referencial de Análise: Sistematização de Pesquisas Realizadas sobre Torcidas Organizadas

O objetivo deste capítulo é apresentar alguns trabalhos desenvolvidos sobre torcidas organizadas de futebol que serviram de referência para o desenvolvimento dessa dissertação. Não houve a preocupação de sistematizar todas as análises existentes sobre o tema, mas sim aquelas mais relevantes e afinadas com os objetivos aqui propostos.

Três obras foram selecionadas, sendo elas: “Torcidas Organizadas de Futebol”, de Luiz Henrique de Toledo, “Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e Espetáculo nos Estádios”, de Elisabeth Murilho da Silva e “Futebol e Violência entre Torcidas Organizadas: a busca da identidade através da violência”, de Carlos Alberto Máximo Pimenta.

2.1. “ Torcidas Organizadas de Futebol” – Toledo (1996)¹

Toledo (1996) problematiza a questão de comportamento dos torcedores de futebol na cidade de São Paulo, que foram chamados de Torcidas Organizadas. Mostra também que a composição destes grupos é idades, classe social e regiões diferenciadas de moradia, sendo a paixão pelo time de futebol o único ponto em comum entre eles.

1 - Luis Henrique de Toledo. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, Editora Autores Associados, ANPOCS, 1996. O livro é fruto de sua Dissertação de Mestrado desenvolvida na área de Antropologia Social, da Universidade de São Paulo-USP.

Toledo realizou vasta pesquisa em noticiários de jornais e revistas juntamente com observações à distância das torcidas Gaviões da Fiel e Camisa 12 do Sport Clube Corinthians Paulista, Mancha Verde e Torcida Uniformizada do Palmeiras da Sociedade Esportiva Palmeiras, Torcida Jovem do Santos Futebol Clube, Dragões da Real e Tricolor Independente do São Paulo Futebol Clube e a Serpente da Associação Atlética Ponte Preta.

Na segunda etapa de sua pesquisa, realizou a observação participante na torcida Tricolor Independente e Camisa 12. Inicia seu trabalho alegando que o desenvolvimento das grandes metrópoles brasileiras, a construção de estádios e a migração de trabalhadores de todo o Brasil para o sudeste, espalhou o gosto pelo futebol para todas as classes sociais, alimentando o imaginário popular, que passou a enxergar os jogadores como representantes da classe pobre e trabalhadora, gerando novos comportamentos e linguagens no meio futebolístico.

O Sport Clube Corinthians Paulista, fundado em 1910 no bairro do Bom Retiro, tornou-se o time da população pobre. A Sociedade Esportiva Palmeiras, fundada em 1914 ainda é o time representante dos imigrantes italianos. Já o São Paulo Futebol Clube, fundado em 1935, sediado no Morumbi, bairro onde se concentram as tradicionais famílias ricas da cidade, logo passou a ser o representante da burguesia. Segundo Toledo, até o início da década de 70, o público de futebol era representado por alguns torcedores símbolos, geralmente líderes das Torcidas Uniformizadas, ligadas diretamente com os associados dos respectivos clubes.

Após a conquista do Tricampeonato Mundial pela seleção brasileira no México em 1970, o futebol passou a ser explorado pelo governo militar com o objetivo de implantar a mentalidade ufanista na população brasileira. Diversos estádios públicos foram construídos, confirmando o futebol como um esporte de massa sob o controle do Estado. Neste mesmo contexto o torcedor

também se transforma. As torcidas uniformizadas foram substituídas pelas torcidas organizadas com estruturas burocráticas e filiados de diferentes níveis sociais.

Diferentemente das torcidas uniformizadas, que eram compostas por sócios dos clubes, os integrantes das torcidas organizadas não possuem vínculos com os clubes e sim com a própria facção. Estes indivíduos buscam mais que somente torcer para o time de futebol, estão tentando construir vínculo coletivo com grupos que oferecem uma participação ativa dentro do futebol e da própria sociedade.

As ações das torcidas organizadas não ficam restritas somente ao momento do jogo de futebol, existem preparativos anteriores como convocações e mobilizações para caravanas ou caminhadas, confecções de faixas e bandeiras, enfim, todo um movimento que consegue catalisar energias para atividades que estão além da paixão pelo time, torna-se uma identificação do indivíduo com o próprio grupo. Esta identidade adquirida pelo fato de fazer parte de uma agremiação que através de seus símbolos, obtém representação social, deixa o indivíduo com a sensação de ter participação ativa na sociedade.

“Estas agremiações torcedoras passam a ter influências na escolha e na demissão de jogadores, técnicos e dirigentes. Chegam às páginas dos jornais responsabilizadas por inúmeros atos de vandalismo e incidentes graves. Participam, muitas delas, dos espetáculos carnavalescos oficiais da cidade, transformam-se em grandes blocos e escolas de samba, constroem patrimônios e arregimentam milhares de sócios em torno de suas práticas”.

(TOLEDO, 1996, p.33)

Toledo também aponta as transformações na rotina da cidade em dias de jogos como nos horários especiais de funcionamento do comércio, trajetos diferentes de ônibus coletivos, escolta policial para as torcidas

organizadas, enfim, ocorre toda uma adaptação da cidade para as partidas de futebol, transformando-a literalmente na “Cidade do Futebol”.

Na etapa etnológica de seu trabalho participou do cotidiano das torcidas Tricolor Independente e Camisa 12, detectando os modos de relacionamentos e identificações entre os integrantes e os símbolos na composição da coletividade. Conforme as palavras do próprio autor:

“Em suma, as sedes são espaços onde se repõe o grau de solidariedade e identificação e onde diariamente os torcedores organizados vislumbram a possibilidade de se encontrar e manter-se atualizados sobre diversas atividades – festas, jogos de várzea, futebol de salão, comentário dos jogos, ou mesmo fatos sobre a política, sobre a vida, enfim.”

(TOLEDO, 1996, p.51)

Toledo preparou dois capítulos da sua obra para tratar dos relacionamentos internos entre torcidas organizadas e também internamente entre os associados. Apesar de oferecerem um espaço de integração social com solidariedade, igualdade, lazer e assim por diante, necessitam mostrar agressividade como marca de sua existência.

“... Desta semelhança intergrupar, no entanto, sedimentam-se diferenças simbólicas engendradas na (e pela) competição: o corintiano deve ser diferente do palmeirense que, por sua vez, deve ser diferente do santista e assim por diante. O êxito de cada torcida organizada, a possibilidade de adquirir um certo status, reconhecimento e continuidade enquanto grupo, dependem, em grande medida, tanto da capacidade de coesão grupal e solidariedade interna, ainda que a preferência pelo mesmo time seja o ponto de convergência fundador de tais solidariedades, quanto pela sua igual capacidade de se contrapor as outras.

Assim, Gavião, Independente, Mancha e etc, movem-se por um sistema onde se redefinem como organizações contrapondo-se entre si. É na presença da outra que se afirmam às solidariedades internas de cada grupo. (Torcer para o mesmo time, possuir as mesmas cores, ser da mesma cidade, Estado) maior é o jogo de oposições e conflitos e a dificuldade em dimensionar as brigas.”

(TOLEDO, 1996, p. 105-106)

O autor mostra que para alguns integrantes a Torcida Organizada é mais que um espaço de sociabilidade e lazer é um estilo de vida. Os amigos, trabalho, relacionamentos, enfim, todas relações sociais são constituídas dentro da agremiação.

“O futebol, sobretudo para estes torcedores organizados, não consiste tão somente num momento de fruição e entretenimento, como se fosse uma mercadoria consumida em algumas poucas horas. Ao contrário, ele é parte constitutiva na elaboração de um estilo de vida próprio. Ao assumirem preferências pelas cores do coração, por símbolos e marcas de cada torcida organizada, estes indivíduos referendam condutas específicas de outros grupos, na escola, no trabalho, na vida privada, no próprio cotidiano. Inúmeros torcedores constroem verdadeiras carreiras dentro de uma torcida organizada, chegando a adaptar outras atividades, tais como o trabalho, relacionamentos pessoais e familiares em função da torcida.”

(TOLEDO, 1996, p. 114)

Em relação à violência, o autor diz que é uma linguagem movida de forma anárquica pela emoção do momento contra torcidas rivais, torcedores comuns e patrimônios. Salienta também que os integrantes das torcidas organizadas apresentam um distanciamento ou estranhamento com os deveres e direitos dos cidadãos. Conforme as palavras do próprio autor:

“... Da vingança preestabelecida entre torcedores organizados ao confronto casual entre torcedores comuns, da bomba caseira arremessada a esmo das arquibancadas à cusparada desferida em um transeunte ou na mulher que emparelha seu carro, por azar, com algum coletivo apinhado de torcedores no trânsito, as transgressões e a violência tomam conformações que não se materializam, somente nos confrontos pessoais, grupais, seque étnicos, ou políticos... A rivalidade é resposta de imediato, aparentemente anárquica, sem motivação além da emoção do instante da transgressão (que por vezes, já resultam em incidentes mais graves), regida por uma solidariedade mecânica cuja identidade e coesão muitas vezes são tênues e circunstanciais.”

(TOLEDO, 1996, p. 133)

A parte final da obra mostra os debates promovidos sobre a questão da violência das torcidas organizadas, problemas sociais, futebol como entretenimento, lazer, investimento econômico e usos políticos. Colocando todas

estas questões de forma interligadas, árbitros, dirigentes esportivos, jogadores, líderes de torcidas organizadas, representantes da Polícia Militar, jornalistas, sociólogos, políticos e psicólogos participaram destas mesas redondas na década de 90.

“Em suma, foi visto de que modo o fenômeno da violência no futebol remete às questões políticas mais amplas. Questões que dizem respeito não somente às divergências entre os vários segmentos e grupos que participam, administram e se utilizam do futebol profissional, como revelam também uma gama de interesses conflitantes exprimindo noções mais gerais de participação política e cidadania. Não se pode perder de vista que a prática transgressora e violenta, mais visivelmente observada entre os torcedores organizados, pela própria maneira como se constituem em um ator mais visível, muitas vezes se confundem com as concepções e falas dos próprios dirigentes, árbitros, cronistas esportivos, justiça desportiva, bem como na fala e conduta da polícia.”

(TOLEDO, 1996, p. 149).

2.2 – “Torcidas Organizadas de Futebol: violência e espetáculo nos estádios – Silva (1996)²”

Nesta obra, explorou as relações dos torcedores desde às origens do futebol na Inglaterra, a chegada no Brasil e a transformação em um esporte de massa. Utilizou este histórico para concentrar os trabalhos para as ações das torcidas organizadas, principalmente a violência e por consequência, a comparação com os Hooligans foi inevitável.

Enquanto na Inglaterra, os Hooligans usam os jogos de futebol para aplicarem de forma violenta e anônima a ideologia nacionalista, as torcidas organizadas brasileiras se apresentam como instituições legalizadas com endereços, registros de associados e símbolos que facilitam a identificação e localização nos estádios e nas ruas. Desta forma, as semelhanças entre

2 - Elisabeth Murilho da Silva. **Dissertação de Mestrado** apresentada em 1996 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, na área de Antropologia.

Hooligans e torcidas organizadas fica somente na agressividade e violência, porque até os motivos são diferentes.

A autora interpretou que o contexto histórico europeu de reconstrução no período pós guerra e os movimentos sociais na década de 60, desencadearam em gangues compostas por jovens de caráter racista e nacionalista que apresentavam a intolerância e a violência como características. Anonimato e divulgação para o mundo inteiro através da televisão, fez com que essas gangues se infiltrassem entre os torcedores para explorar o futebol como meio de divulgação de suas ideologias.

No Brasil, após a conquista do tricampeonato Mundial de 1970, o futebol começa a alimentar o imaginário popular através da identificação do ídolo com o cidadão comum, assumindo o papel de ser algo mais que um esporte, passando a representar a cultura de todo país. Enquanto a seleção brasileira é a imagem de toda a nação, os clubes apresentam-se como a alma de grupos sociais específicos em que perder uma partida significa também uma derrota social. A Sociedade Esportiva Palmeiras, por exemplo, adquiriu simbolicamente a posição de ser o clube representante da colônia italiana em São Paulo.

A autora organizou cronologicamente o contexto histórico da sociedade brasileira e dos torcedores de futebol até chegar na formação das torcidas organizadas.

No final dos anos 60 o estereotipo do torcedor mudou. As famílias ricas com seus trajes elegantes nas arquibancadas dos estádios de futebol na primeira metade do século foram aos poucos sendo substituídas por grupos de jovens que não estavam preocupados em mostrar seu status social. A elite social e a cordialidade entre os torcedores foram aos poucos dando lugar para a camada popular e rivalidade no futebol. Isto ocorreu porque segundo a autora, à crescente industrialização, o inchaço populacional nos centros urbanos

do sudeste e o mito do futebol, alteraram o perfil dos torcedores e de todo modo de vida nas cidades. Enquanto a classe rica passou a exercer outras atividades de lazer como freqüentar shopping center e clubes, moradores da periferia encontraram as arquibancadas dos estádios de futebol para expressarem suas frustrações.

Utilizando Hobsbaw como referência, Elisabeth Murilho compreendeu que o processo de industrialização e urbanização dos grandes centros urbanos geraram problemas de infra-estrutura, miséria e desemprego. Movimentos jovens de idéias anti-capitalistas se espalharam, refletindo também no futebol. O torcedor a partir da década de 60 passou a utilizar os estádios de futebol como local para extravasar tensões acumuladas no cotidiano e não mais como um local de lazer. É com esse contexto que nasceram as Torcidas Organizadas de futebol. No início receberam apoio dos dirigentes de clubes, imprensa esportiva e até da sociedade em geral. No entanto, a violência passou a ser constante nestes grupos, transformando este apoio em rejeição.

A continuidade do trabalho de Elisabeth Murilho da Silva, mostra que enquanto o torcedor comum estava cada vez mais deixando de freqüentar os estádios devido o desconforto e a violência, as torcidas organizadas, se tornavam mais ativas, formando opinião e adquirindo poderes reais para interferir na política dos clubes e na formação do time. Compostas por uma maioria de jovens que buscam auto afirmação social, passam a transpor no time de futebol a própria identidade através de símbolos e ídolos que compartilham os mesmos valores.

Quando duas equipes com torcidas grandes se encontram, o clima de rivalidade aumenta, gerando tensões que se transformam em violência se houver contrato entre elas. Aqui a autora utilizou Bataille e Dunning como referência afirmando que o ser humano ns momentos de transgressão, busca eliminar o excesso através da guerra.

“Isto pode ocorrer quando, devido talvez às pressões sociais ou aos benefícios econômico e de prestígio que os esportes implicam, as pessoas participam neles com muita seriedade. Então, o nível de tensão pode subir até um ponto em que se rompa o equilíbrio entre a rivalidade amistosa e a rivalidade hostil em favor da última. Em tais circunstâncias, as regras e convenções destinadas a limitar a violência e a dirigi-la por canais socialmente aceitáveis podem ficar anuladas temporariamente e as pessoas implicadas por-se a lutar a sério”.

(DUNNING,1992, Apud Silva, 1996, p.85)

A autora conclui mostrando que a violência na década de 90 atingiu status de guerra devido às batalhas premeditadas, emboscadas e alianças paramilitares entre torcidas organizadas de todo o país. Neste contexto, os trajetos para os estádios passaram a ser diferenciados do torcedor comum e escoltados pela Polícia Militar. No entanto, esta mesma Polícia Militar que deveria trabalhar para evitar a violência, caminhou no sentido contrário através da repressão, ameaças, agressões e provocações às torcidas organizadas, esperando reações que legitimassem seus atos. Assim, as brigas nos estádios se ampliam com a participação de mais um grupo que pratica a violência, a Polícia Militar.

2.3. “ Futebol e Violência entre Torcidas Organizadas: a busca da identidade através da violência” – Pimenta (1997)³

O objeto deste trabalho foi o fato das partidas de futebol serem utilizadas pelos torcedores como meio para exercerem a violência e agressividade. Foram pesquisadas matérias de jornais e entrevistas com membros de torcidas organizadas, jornalistas esportivos, dirigentes e jogadores de futebol. O livro esta organizado em quatro partes.

3 – Carlos Alberto Máximo Pimenta concluiu sua dissertação de mestrado no ano de 1997 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais ,da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP. Esta deu origem ao livro **Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e Auto-Afirmação**. Taubaté, Vogal Editora, 1997.

O primeiro capítulo aborda a questão do crescimento dos centros urbanos como fator de transformação das relações sociais, formando conseqüentemente grupos de jovens sem perspectivas que buscam a reconstrução de suas identidades através da virilidade e violência.

A paixão e o delírio dos torcedores de futebol, segundo o autor, ultrapassa as arquibancadas dos estádios chegando até os indivíduos no cotidiano. A partir da década de 80, ampliaram significativamente as manifestações agressivas, motivados pela política de desconstrução do tecido social promovida pelos governos militares ao aplicarem um desenvolvimento industrial desordenado, formando grupos de excluídos e insatisfeitos. Com os atos violentos publicados em jornais, as torcidas organizadas tornaram-se o símbolo desta desconstrução social que levou a formação de uma sociedade composta por grupos que fazem da violência uma linguagem contra o sistema de repressão, miséria e impunidade estabelecidas no país.

“A desarticulação das relações sociais, impulsionada pelas radicais mudanças no eixo político-econômico manifestamente deferido de comportamentos diversos, principalmente de desrespeito da pessoa humana. Independentemente deste momento, viver em sociedade sempre foi um viver violento. Contudo, a postura dos governos militares apenas contribuiu, de forma contundente, ao surgimento de novas práticas violentas e agressivas entre grupos, até então não manifestadas no seio da sociedade brasileira.”

(PIMENTA, 1997, p.24)

O autor teve como referência Hans Magnus Enzensberger, Michel Maffesoli e Francisco Weffort para defender a idéia de que o tecido social foi desfeito com o golpe militar, formando pontos de exclusão que estão além das questões econômicas, atingindo a esfera da legitimidade e da moral. Desta forma, alega que não podemos atribuir às torcidas organizadas a responsabilidade de toda violência e vandalismo do país como se fossem seres extraterrestres que não condizem com a realidade do país.

Devido ao regime militar ter destruído a identidade social, levando os indivíduos a lutar uns contra os outros pela sobrevivência, as torcidas organizadas foram das poucas agremiações que se apresentaram como um grupo unido que possibilitam a reconstrução da identidade destes indivíduos.

“A pretensão é, mais uma vez, reforçar a idéia de que a urbanização e a industrialização desarticuladas, bem como a ausência do Estado, enquanto gestor de políticas públicas, são fatores importantes que contribuíram à construção desorganizada do tecido social brasileiro, possibilitando a abertura das portas para o surgimento de um novo sujeito, não limitado às classes mais desfavorecidas. Sujeito violento, carente e alienado que – no sentido político e cultural do termo – busca na identidade social e auto-afirmação, lançando mão da violência e da agressividade.”

(PIMENTA, 1997, p. 28)

No segundo capítulo Pimenta faz uma apresentação da história do futebol, destacando a chegada no Brasil, o aproveitamento político e a violência alimentada pelos discursos dos dirigentes e das matérias jornalísticas.

O autor mostra que o futebol no Brasil foi absorvido de uma maneira diferenciada em relação a outros países. Além de ser um esporte, tornou-se também plataforma política, comércio de produtos e símbolo da cultura do país. No entanto, sua história tem início a 25 séculos antes de Cristo na China antiga. Os romanos no tempo do império também praticavam, exportando este esporte para a Bretanha após conquista-la. Foi através deste legado romano que os ingleses aperfeiçoaram com regras e ligas, transformando-o no futebol que conhecemos. Oferecendo uma sensação de igualdade, se populariza e agrada ao mundo inteiro, independente dos sistemas sociais, políticos ou econômicos de cada civilização.

“Na medida em que impõe aos seus adeptos um vislumbre ilusório de falsas igualdades, ritualizadas no espaço físico do jogo, ultrapassa as fronteiras do esporte e ganha as massas populares, perpetuando-se definitivamente entre elas como o grande fenômeno do século.”

(PIMENTA, 1997, p.33)

Charles Miller, filho de britânicos, foi o responsável pela introdução do futebol no Brasil em 1894. No início era praticado somente pela classe rica, mas logo se tornou popular com algumas equipes compostas totalmente por jogadores da classe trabalhadora. O futebol pode ser religioso com os “atletas de cristo”, profano com a violência, comercial com os patrocínios, político com as campanhas eleitorais e propagandas do governo, enfim, faz parte da cultura brasileira. Durante a ditadura militar (1964 – 1984) o governo usou o futebol para promover o regime, tentando associar o sucesso do futebol com a política do país. Neste período foi criada a loteria esportiva e construídos os estádios de futebol com o dinheiro público, confirmando a política do “pão e circo” da época contemporânea em terras tupiniquins. As palavras do próprio autor deixam explícito este uso do futebol pelo Estado:

“A conquista do tri-campeonato mundial contribuiu para melhorar a imagem do regime militar autoritário e camuflar as atrocidades repressivas cometidas naqueles tempos. Por sua vez, o presidente Médici utiliza o triunfo do futebol. A euforia foi explorada ao extremo, a ponto de em todas as solenidades oficiais ser obrigatória a presença de bandas militares tocando a marcha de Miguel Gustavo (“Pra Frente Brasil”), composta para inspirar a seleção durante o campeonato mundial.”

(PIMENTA, 1997, p.49)

A violência das torcidas é composta por um conjunto de fatores que passam pelas matérias jornalísticas tratando os jogos como batalha entre inimigos, depoimentos pessoais dos dirigentes dos clubes e assim por diante. Além disto, Pimenta ainda afirma que ao contrário de algumas teorias, o estádio de futebol não é um local utilizado para a descarga emocional dos problemas do cotidiano, é um local gerador de tensões em que as rivalidades ultrapassam os limites do jogo.

“Dentro de uma praça esportiva, as regras sociais se afrouxam, propiciando momentos de transgressões não permitidas nas relações grupais fora do campo do jogo, surgindo, então, as trocas de ofensas morais e físicas entre os protagonistas do espetáculo. Desde que o futebol existe, até na sua ancestralidade, a agressividade está presente. Na história do futebol brasileiro, indistintamente de ser ele amador ou profissional, temos inúmeras

passagens que atestam a presença de momentos de violência, não só dentro de campo entre os jogadores, mas também, entre torcedores.”

(PIMENTA, 1997, p.53)

A década de 90 foi o período em que aumentou a interferência de grandes empresas no futebol, aumentando também por consequência a violência entre torcidas organizadas. Uma suposição em relação a esta idéia (grifo meu) foi que enquanto a Sociedade Esportiva Palmeiras apresentava a fortuna adquirida com o patrocínio da italiana Parmalat, o São Paulo Futebol Clube conquistava o bicampeonato mundial de clubes. O dinheiro palmeirense começou a contratar os melhores jogadores do Brasil, entre eles, os são-paulinos Antonio Carlos, Miller e Cafu.

Em meio a esta nova ordem do futebol profissional em que os jogadores passaram a seguir o rastro do dinheiro, estava o torcedor que assistia o ídolo do clube com o qual se identificava, vestindo a camisa do rival. Em menos de um ano após estas transferências milionárias entre jogadores de clubes rivais, ocorreu a inesquecível “Batalha Campal do Pacaembu” entre torcidas organizadas palmeirenses e são-paulinas. Diferentemente do torcedor comum que assiste o futebol somente nos dias de jogos, o torcedor organizado acompanha os bastidores, noticiários, os jogos de interesses além dos preparativos da própria facção organizada. Neste sentido,

“... a análise ficara restrita às movimentações que acontecem nos bastidores e que fogem ao conhecimento da maioria dos torcedores comuns, mas esbarram nas exigências das torcidas organizadas...”

(PIMENTA, 1997, p.56)

A terceira parte do livro mostra a história das torcidas organizadas e sua transformação em instituições burocratizadas que visam o lucro, explorando a cultura da violência e a paixão do torcedor pelo futebol.

As torcidas organizadas surgiram no final dos anos 60 concomitantemente com o desenvolvimento industrial e urbano no Brasil. Estes torcedores, diferentemente de outras épocas, tinham somente a paixão como elo

com o clube, não precisando agradar dirigentes ou jogadores devido favores políticos ou por amizade. Desta forma, ficaram caracterizadas pelo incentivo e cobranças pelo melhor desempenho da equipe.

Em seguida o autor retoma a questão da violência, mostrando que não é uma exclusividade brasileira e muito menos das torcidas organizadas, e sim uma tendência dos grandes centros urbanos do mundo no final do século XX. Utilizando Patrich Murphy, Jonh Willians e Eric Durning em *O Futebol no Banco dos Réus* e Hans Magnus Enzensberger em *Guerra Civil* como referências, definiu que:

“ Cabe ressaltar que a violência nos estádios de futebol esta associada, seguramente, ao processo de industrialização e suas conseqüências nos centros urbanos dos países que promoveram a construção de uma cultura específica, porém com as peculiaridades de cada sociedade...”

(PIMENTA, 1997, p.73)

Além de serem financiados por políticos e de receberem ingressos e ônibus dos clubes, as torcidas organizadas tiveram propagandas gratuitas com os noticiários constantes em televisões e jornais, aumentando o número de associados e de venda de produtos como camisetas e bonés. Neste sentido, o torcedor organizado desenvolve o sentimento de uma falsa superioridade em relação aos outros torcedores.

No último capítulo, Pimenta estabelece relações entre a violências das torcidas organizadas com fatores sociais, econômicos e políticos. Tudo isto como conseqüência do desregulado crescimento industrial e urbano do Brasil, ampliando o distanciamento entre pobreza e riqueza. Em meio a essa sociedade desfigurada, as torcidas organizadas, mesmo compostas por pessoas de diversificados meios sociais, quando estão em grupo, as diferenças desaparecem.

“tais valores, determinados na nossa relação cotidiana, sofrem uma inversão, fazendo com o que o integrante tenha a percepção de estar sendo tratado num nível de igualdade e respeito, fato que inexistente nas relações de grupos sociais onde participa. O agrupamento contribui para construir a identidade dos jovens.”

(PIMENTA, 1997, p.97)

Definidas como grupos unidos e que tratam todos da mesma forma, buscam marcar sua presença na sociedade oferecendo espaço para seus filiados terem uma participação ativa no grupo, diferentemente do meio social que convive no cotidiano. Este raciocínio é possível porque o próprio autor

“...percebeu que as torcidas organizadas abrem um espaço para os filiados participarem e atuarem em condições de igualdade nas relações travadas nesses grupos. Ao contrário de nossas instituições sociais que hoje demonstram-se frágeis e restringem a participação para poucos, as torcidas organizadas dão uma demonstração de diferença e força... As torcidas organizadas apresentam características de solidariedade, companheirismo, fraternidade e lealdade, formando agrupamentos coesos que as mantêm, e criam atrativos para os novos jovens que se filiam, proporcionando a sensação de que no grupo eles serão mais fortes.”

(PIMENTA, 1997, p.98)

Com os estudos de Mauricio Murad da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Pimenta mostra que as torcidas organizadas passaram a adquirir uma característica mais militarizada a partir dos gritos de guerra, palavras de ordem e tática de guerrilha para o combate, sem deixar de lado a alegria carnavalesca que praticam nas arquibancadas. Estes fatores, militar e carnavalesco, não estão separados em relação às torcidas organizadas. Confrontos com torcidas rivais, destruição, agressividade, enfim, a violência em geral é sempre tratada com muita festa e satisfação pelas torcidas organizadas.

O autor criou no último capítulo de seu livro um subtítulo com o nome “olhar externo”. Neste, ele mostra a visão que a sociedade, a mídia e o próprio Estado tem sobre o comportamento das torcidas organizadas. Com olhar de cima para baixo a síntese destas opiniões

“...caminham no sentido de transferir a responsabilidade pela violência praticada pelos membros da torcida organizada para as camadas desfavorecidas da sociedade. As soluções, como num passe de mágica, surgem na ação da Polícia em reprimir esses vândalos e criminosos, tirando essa corja do convívio da sociedade, em forçar o Estado a promover política social que tenha um alcance na grande massa popular, pois o mesmo encontra-se ausente e essa ausência é geradora desses acontecimentos;na majoração dos ingressos, afastando os pobres dos estádios de futebol, assim somente os abençoados por Deus teriam acesso às praças esportivas.”

(PIMENTA, 1997, p.110)

Esta tentativa de exclusão, julgando todos torcedores organizados como um bando de marginais, criminosos, desocupados, ignorantes e assim por diante, membros de uma periferia com educação, lazer e infraestrutura precária, criou um afastamento das torcidas organizadas em relação aos clubes e uma animosidade em relação à imprensa e o Estado. Este último, representado pela Polícia Militar. O próprio Pimenta sentiu na pele este distanciamento ao procurar a diretoria da Torcida Tricolor Independente para aplicar um questionário a alguns associados. A resposta que recebeu foi:

“ Você quer justificar a violência dizendo que consumimos álcool ou drogas (...), eu não vou responder essa porcaria.”

(PIMENTA, 1997, p.113)

Pimenta concluiu sua obra afirmando que o torcedor encontra nas torcidas organizadas um grupo solidário, seguro e que oferece oportunidade de participação, reconstruindo sua identidade que foi diluída pela industrialização promovida pelo regime militar que somente levou em consideração o lado econômico, não levando em consideração as questões sociais.

Capítulo III.

A Torcida Tricolor Independente através do Olhar do Torcedor: um Estudo Etnográfico

Para um antropólogo escrever sobre seu objeto, é preciso realizar um trabalho etnográfico através do olhar, ouvir e participar, buscando vivenciar e compreender a cultura através das interpretações e códigos nativos. Em outras palavras, é preciso tornar-se um deles para vivenciar e sentir suas influências e comportamentos. Um exemplo disto foi quando estava a caminho do estádio de futebol juntamente com a Torcida Independente e me perguntaram: - “De que bonde você é?” Neste momento não bastaria somente o conhecimento adquirido com as observações, foi preciso reagir como um deles. Assim foi importante saber o significado de “bonde” na linguagem da Torcida Independente, no entanto, foi da mesma importância a necessidade de me comportar conforme o “bonde” que indiquei como resposta. Neste caso, foi o “bonde da zona sul”, termo usado pelos integrantes da torcida que são da zona sul da capital, representado pela coragem de saírem a pé de Santo Amaro, encontrar outra parte do grupo no largo do Campo Limpo e uma terceira parte no Largo de Taboão da Serra, fechando o trânsito na Avenida Francisco Morato na peregrinação para o Estádio do Morumbi, sem medo de repressão policial ou encontro com torcidas rivais. Caminham cantando músicas com agressividade, valorizando a virilidade e união do grupo.

No seu início, a etnologia tinha como objetivo as sociedades isoladas de caça, coleta e agricultura. Não foi pensada a complexidade das sociedades urbanas do mundo globalizado. No entanto, é apenas uma técnica e nem foi desenvolvida para objetivos específicos, ela serve para apreensão e também é flexível para diferentes objetos. Conforme Magnani (2002), as grandes cidades podem ser analisadas de “perto e de dentro”, em contextos variados com trabalho, lazer, religião e outras práticas de grupos que passam despercebidos

nos estudos realizados de “fora e distante”. Neste sentido, a etnologia urbana concentra os estudos nos atores sociais, nos grupos e no espaço como integrante ativo e não apenas um cenário.

As torcidas organizadas estão dentro de uma totalidade, no entanto, os integrantes possuem uma sociabilidade específica que é capaz de detectar quem é ou não é da torcida. Não basta freqüentar, é preciso estar situado no “pedaço”. O pedaço é entendido por: primeiro é no bairro em que os integrantes se identificam pela moradia próxima, por freqüentarem a mesma escola, o mesmo supermercado e assim por diante. O segundo são locais fora dos bairros, em que são reconhecidos pelos símbolos, hábitos, gostos, falas, enfim, o “pedaço” são os interesses comuns.

Magnani (2002) em seu artigo sobre a etnografia urbana cita o exemplo da Rua 24 de Maio no centro de São Paulo, na qual existem duas galerias: uma freqüentada por roqueiros e a segunda por seguidores de funk e black. Por coincidência, nesta segunda galeria esta também situada a sede da Torcida Tricolor Independente, se tornando o “pedaço” dos são-paulinos em dias de jogos. É o ponto de encontro inicial, de onde partem as caravanas ou caminhadas para os estádios de futebol.

Os seres humanos sempre evitam o contato com estranhos devido temerem ser trocados pelo desconhecido (CANETTI, 1960). Todas distâncias criadas pelos homens partiram deste medo. Ficar trancafiado dentro de casa ou prender criminosos não é somente pelo fato de evitar assaltos, mas também pelo temor do contato com estranhos. Em meio a outras pessoas, este medo não nos abandona. A maneira como andamos entre as pessoas nas calçadas, nos bares, supermercados, lojas, feiras, ônibus e assim por diante, é sempre determinada pelo medo do toque. Mesmo quando ocorre involuntariamente um contato físico com algum estranho, o pedido de desculpa é imediato, na tentativa de evitar reações agressivas do outro.

Quando o ser humano esta inserido na massa, ocorre a inversão deste temor. De forma densa, uns esbarram nos outros constantemente ser dar importância ao contato, ou melhor, necessitam deste contato para comprovar que dentro da massa não existe diferença alguma. Qualquer pessoa que esbarra é espremida em nós, torna-se idêntica, pois, sentimos o outro da mesma forma que a nos mesmos. A sensação é de que todos fazem parte de um mesmo corpo e quanto maior for o contato com o outro, mais longe ficará o medo de ser tocado. Dentro da massa todos se sentem iguais, bloqueado a individualidade. As diferenças e hierarquias que separam os homens, criando tensões nas relações entre superiores e inferiores, desaparecem na massa, criando alívio e felicidade ao libertar-se desta desigualdade. Conseqüentemente surge também a vontade em destruir os símbolos que representam as distâncias entre os seres humanos. No entanto, este impulso de destruição (CANETTI, 1960) é temporário em que quando a massa for desfeita, a individualidade e o medo de ser tocado pelo estranho, ou seja, diferente, reaparece.

3.1 – O Cotidiano na Torcida Tricolor Independente

A torcida Tricolor Independente, diferentemente das outras torcidas organizadas da cidade, não possui espaço para acomodar muita gente. Apesar disto, a movimentação de pessoas para se tornar sócio e comprar os produtos em sua loja é muito grande, desproporcional em relação a outras lojas da galeria.

Após os 10 anos de proibição, o direito de usar os materiais no estádio foi a oportunidade para aumentar os lucros e conseqüentemente ter maiores recursos para a própria facção como: comprar a sede e ficar livre do aluguel, adquirir uma quadra para acomodar maior número de torcedores e desenvolver uma escola de samba, fazer bandeirões, obter transporte próprio para locomover matérias (bateria, bandeiras e faixas) aos estádios e assim por diante.

Os produtos na loja da Independente diversificaram-se. Além das roupas tradicionais, vários outros modelos para homens, mulheres e crianças passaram a compor as vitrines. Materiais como chaveiros, mochilas, pulseiras, correntes, cd's, dvd's com músicas e imagens da torcida também fazem parte da loja. Diferentemente da década de 90 em que vendiam camisetas e agasalhos com a mesma estampa, somente a associados com a mensalidade em dia, hoje qualquer pessoa pode comprar os artigos na loja da Independente. Além disto, existe a opção de fazer a compra pela Internet, com a entrega para todo país. Desta forma, é comum encontrar nas ruas pessoas usando a marca da Independente sem ter nenhuma ligação com a mesma.

Além de ter direito de usar as roupas, somente o associado com a mensalidade em dia poderia comprar ingressos na sede e participar das caravanas na década de 90. Já após a reabertura, a preferência passou a ser dada para pessoas que contribuem com as tarefas da torcida e que sempre comparecem aos jogos, independentemente de ser associado com carteirinha ou somente simpatizante. Na verdade, a diretoria e as principais personalidades preferem não usar roupas e outros souvenirs, muito menos ser associados com carteirinha. Isto ocorre porque qualquer confusão que ocorre entre torcedores, a mídia responsabiliza as torcidas organizadas, pressionando a polícia para prender seus líderes.

Por o estádio de futebol ser um ambiente extremamente masculino, as mulheres tem grande dificuldade para assistir uma partida de futebol. Ao pisar na arquibancada, inúmeras pessoas começam a falar e fazer coro com os mais variados absurdos. Neste sentido, muitas procuram as torcidas organizadas para obter proteção e tranquilidade nos estádios. Na torcida Independente, existe o "Comando Feminino", formado por mulheres de todos os cantos da cidade e interior. Além de conquistarem respeito, estão provando que também entendem de futebol.

Ao chegar na sede da Independente, logo se depara com o símbolo do apóstolo Paulo com os olhos avermelhados, expressão raivosa e excesso de músculos, pintado na fachada. No escritório, ao lado da loja, existem fotos e pôsteres da Independente em diversos estádios do Brasil e do mundo.

“A manutenção e organização das sedes, espaços diferenciados, portanto, são fundamentais, pois demarcam e inscrevem no espaço urbano um lugar específico desses grupos que lhes conferem um status dentro do imaginário social edificado a partir dos aspectos que cercam a compõem a prática do futebol profissional na cidade. As Torcidas Organizadas organizam-se a partir delas... As sedes são espaços vivos e de reconhecimento frente a outros”.

(TOLEDO, 1996, p.51)

A sede das torcidas representa uma memória coletiva através dos símbolos e lembranças de episódios que fortalecem as relações de amizade e união entre os torcedores. As torcidas organizadas possuem símbolos que representam poder, agressividade e virilidade que despertam a animalidade dos seres humanos. Esta transgressão fica mais forte devido os torcedores comuns, jogadores de futebol e a própria imprensa tratarem os torcedores organizados como mais fanáticos e apaixonados do que qualquer outro torcedor.

O Torcedor organizado não se apresenta como um espectador de futebol apenas, ele é algo transgressor, é personagem ativo na partida de futebol.

“...as Torcidas Organizadas efetivamente não jogam, mas influenciam, torcem mais, acreditam controlar e manipular os jogadores, o técnico do time, juizes, até mesmo os resultados da partida...”

O torcedor organizado deve ter uma dose de excentricidade, situar-se fora dos padrões estabelecidos, para além ou aquém do comportamento normal, ter mais garra, valentia, uma dose de selvageria, porém astúcia e malícia, aliados a uma incrível assiduidade e devoção ao time.”

(TOLEDO, 1996, p.55)

3.2. A Observação Participante e as Partidas de Futebol

Este subitem tem como objetivo relatar os dados obtidos na observação participante. Foram anotados registros do cotidiano na sede da Torcida Tricolor Independente e nos jogos de futebol. Estes foram na maioria realizados no estádio do Morumbi, casa do São Paulo Futebol Clube, Parque Antártica da Sociedade Esportiva Palmeiras e Vila Belmiro do Santos Futebol Clube, nos campeonatos Paulista, Brasileiro e Taça Libertadores da América nos anos de 2005 e 2006.

3.2. 1. Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)

30/01/2005

Campeonato Paulista

São Paulo 2 x 1 União São João

Foi à primeira vez que fui ao estádio com intenções diferentes de assistir uma partida de futebol. O meu objetivo foi estabelecer o primeiro contato com o pessoal da Torcida Independente e não ser mais um estranho. Por ser um jogo contra um time pequeno e no início do campeonato, o público era baixo e o ambiente estava descontraído. Apesar da vitória do São Paulo, os torcedores estavam mais entretidos com as recordações das aventuras do ano anterior como jogos e caravanas marcantes.

Neste dia optei em não revelar as minhas intenções de ser um membro da Independente para observar o comportamento da Torcida e desenvolver uma dissertação de mestrado a partir do olhar de dentro. Além da possibilidade dos associados da torcida ficar constrangido com a minha presença, revelar as minhas verdadeiras intenções poderia criar reações mais agressivas e até mesmo a rejeição.

3.2.3 – Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)

20/02/2005

Campeonato Paulista

Palmeiras 0 x 3 São Paulo

Neste momento, o campeonato com sistema de pontos corridos¹ estava definindo os times que continuariam na disputa do título. Enquanto o São Paulo queria manter-se na primeira colocação, o Palmeiras precisava da vitória para diminuir a diferença de pontos e manter a possibilidade de ser campeão. Não era somente a fase decisiva do campeonato que tinha deixado o jogo tenso, era o jogo entre os maiores rivais da cidade² e a da presença das duas torcidas mais violentas do Brasil (Independente e Mancha Verde). Além disto, o clima de guerra criado pela imprensa ao longo da semana ajudaram a promover o clássico e também ampliar as tensões.

Ao comparecer neste jogo fui reconhecido por aqueles que tinha feito amizade no jogo anterior e conquistei credibilidade com o grupo, pois em jogos com a presença de torcidas inimigas, muitos não vão aos estádios com medo das brigas. Assim, a presença em jogos, segundo a linguagem dos torcedores “em que o bicho pega”, comparecem somente os torcedores que tem disposição a enfrentar qualquer risco para manter o nome da torcida e apoiar o time.

1 – Disputa em que todos times jogam contra todos, tornando-se campeão o que fizer mais pontos, diferentemente dos anteriores em que se classificavam os 4 primeiros colocados por disputas eliminatórias de semi-final e final.

2 – Enquanto a imprensa e a sociedade tratam o clássico Palmeiras e Corinthians como a maior rivalidade da cidade, entre os torcedores, São Paulo e Palmeiras é mais que rivalidade, é uma relação de ódio entre os torcedores e até entre os próprios dirigentes dos clubes

Pude perceber que o clima descontraído do jogo contra o União São João foi substituído por tensões. Nas ruas os policiais também estavam tensos, tentavam manter a distância entre palmeirenses e são-paulinos. Na arquibancada não teve conversas entre grupinhos e nem risadas, todos com expressões fechadas participando integralmente das coreografias e gritos de guerra. A repetição de pulos, gritos e músicas coreografadas são elementos que dão alma à massa (CANETTI, 1960). Estes elementos servem também como arma para derrotar outras torcidas rivais, tentando provar para si e para os inimigos que são mais fortes, neste caso a massa mais silenciosa é a do inimigo derrotado.

Na saída do estádio, nada de dispersão. A Independente permaneceu o tempo todo unida até sua chegada à sede no centro da cidade de São Paulo. Além de não deixar o grupo ficar menor, evitou-se também as possíveis emboscadas. No entanto, da sede, subgrupos são formados conforme a região de moradia e partem para brigas agendadas com antecedência com subgrupos da Mancha Verde, tirando a responsabilidade da direção da torcida e saindo dos olhos da imprensa e da Polícia Militar. Apesar de toda agressividade, tensão e dedicação dos torcedores, a possibilidade do conflito, o risco de ser agredido ou de machucar alguém é tratado com prazer, como se fosse a complementação de um dia de futebol, um dia de festa.

3.2.4 - Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)

24/05/2005

Taça Libertadores da América

São Paulo 2 x 0 Palmeiras

Diferentemente do campeonato paulista, em que os jogos entre as equipes grandes são sempre realizados no estádio do Morumbi com divisão das

torcidas, na Taça Libertadores da América a determinação é para que a torcida visitante tenha no máximo 10% da carga dos ingressos.

Após terem se classificado na primeira fase, São Paulo e Palmeiras formaram o confronto de “mata-mata”³ na segunda fase da competição. O primeiro jogo foi no estádio Parque Antártica. Com capacidade para 27 mil pessoas, somente 10%, ou seja, 2.700 ingressos foram destinados à torcida do São Paulo. Todos ficaram com as torcidas organizadas, sendo que mais de 90% com a torcida Independente. Fiquei com medo deste jogo, esperei a segunda partida no Morumbi para comparecer.

Dos 60 mil ingressos colocados à venda, somente 6 mil (10%) foram designados para os palmeirenses. Da mesma forma que ocorreu com os são-paulinos no primeiro jogo, somente as torcidas organizadas do Palmeiras compareceram. Com muitos policiais e pouca torcida adversária, os torcedores comuns compareceram em peso. Neste dia percebi que os torcedores comuns compareceram somente nas fases importantes dos campeonatos, enquanto os torcedores organizados estão com o time em qualquer lugar e momento, assim, com o estádio cheio ou vazio, os membros das torcidas organizadas sabem exatamente quem são as pessoas com que podem contar em qualquer momento. Desta forma, a torcida organizada passa a significar mais do que um grupo de torcedores apaixonados por futebol, é uma instituição que estabelece relações de amizade e solidariedade entre os indivíduos.

Nas arquibancadas a densidade da Independente era grande, em que as pessoas com sensação de igualdade, transmitiam energias umas às

3 – Na primeira fase da Taça Libertadores da América, os grupos são formados por quatro equipes em jogos de ida e volta, ou seja, um no campo do adversário e outro no próprio estádio. Após todos os jogos, os dois primeiros colocados serão os classificados para a segunda fase. Esta é composta por duas equipes que realizarão dois jogos. A equipe com melhor desempenho será classificada. Em caso de empate, a decisão é feita em cobranças de pênaltis

outras. A torcida estava parecendo ser uma única criatura que balançava todo o corpo com grande excitação. Todos estes estímulos eram provindos da música e da dança

“Os passos somados rapidamente a outros passos simulam um maior número de participantes. Eles não se movem do lugar onde estão; em sua dança, permanecem sempre no mesmo lugar. Seus passos não se apagam; eles se repetem e persistem durante muito tempo, sempre com a mesma intensidade e animação... Eles exercem sobre todos os homens das proximidade uma força de atração que não diminui enquanto a dança não é interrompida. Todo ser vivo que se encontra ao alcance do ruído se une a eles, permanecendo unido.”

(CANETTI, 1960, pg. 31 e 32).

3.2.5 – Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)

18/03/2006

Campeonato Paulista

São Paulo 1 x 1 Noroeste

Antes do início do jogo, com amizades já estabelecidas na Independente, fiquei com alguns amigos em uma das dezenas de barracas que vendem lanches e bebidas em frente ao portão de entrada das arquibancadas no setor laranja, local destinado às torcidas organizadas e no setor azul, reservado para os sócios-torcedor.

Apesar de ser um jogo simples, duas confusões ocorreram na entrada dos torcedores. A primeira por causa da proibição da Independente em entrar nos estádios com faixas. A Polícia Militar alegou que o tamanho era muito grande e iria atrapalhar a visão dos torcedores vips que estavam localizados nas cadeiras numeradas abaixo das torcidas organizadas. A diretoria da torcida argumentou em vão sobre o fato de as câmeras de televisão e as placas de publicidade atrapalharem a visão dos torcedores da geral que fica localizada logo abaixo do setor vip e que nunca deram importância, mas quando afetam a elite, atitudes são tomadas imediatamente.

A segunda confusão foi interna e por consequência da primeira. Por ser proibida a entrada no estádio, a diretoria da Independente precisou guardar a faixa em algum local do lado de fora. Seria uma coisa simples, mas em Dezembro de 2005 na final do Mundial no Japão, uma das faixas da torcida desapareceu, gerando brigas entre alguns diretores. Neste sentido, foi preciso que alguém de confiança deixe de assistir o jogo para ficar cuidando da faixa da torcida.

Devido toda essa confusão, entramos no estádio quando já tinha se passado 30 minutos de jogo. Terminou empatado, deixando o Santos Futebol Clube com quatro pontos na frente. No entanto, os torcedores e o próprio time estavam mais concentrados em repetir a façanha do ano anterior em conquistar a Taça Libertadores da América e o Mundial de Clubes.

Na saída, paramos novamente na “barraca do João” para tomarmos cerveja e falar sobre futebol. Ali estavam o Eugênio, diretor da Independente nos anos 80, Aparecido (Cidão), fundador da Torcida Dragões da Real, Nenê, Alexandre (gêmeos) e o Paulo Henrique (PH), um dos diretores da atualidade. O jogo tinha acabado às 18 horas, mas saímos da barraca somente às 20 horas direto para a pizzaria que fica dentro do estádio do Morumbi. Ali estavam os diretores do clube e parentes dos jogadores que não mostraram muita empolgação ao ver um bando de bêbados de torcidas organizadas invadindo seu espaço.

O respeito e a cordialidade prevaleceram na pizzaria, não ocorrendo nenhuma baderna. No entanto, não era o fim, paramos no bar “Komilão”, propriedade do Alexandre e do Anderson, “Os Gêmeos”. Já era 1:00 da madrugada quando resolveram ir para casa do Eugênio assistir fitas de vídeo dos momentos antigos da Torcida Independente. O jogo de futebol em si foi pouco

comentado, as conversas foram na maioria das vezes sobre histórias e aventuras antigas e atuais da torcida.

3.2.6 – Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)

02/04/2006

Campeonato Paulista

São Paulo 3 x 1 Santos

Faltando dois jogos para terminar o campeonato e com quatro pontos de diferença entre estas equipes, o empate daria o título ao Santos e a vitória do São Paulo adiaria a decisão para a última rodada. Com os ingressos esgotados e a presença da imprensa, a Independente estava empolgada pois, era mais uma oportunidade de fazer festa nas ruas e nas arquibancadas para reafirmar sua condição de representante dos são-paulinos, incentivar o time e mostrar para todo país que formam um grupo unido, participativo e referência para os torcedores comuns

Logo pela manhã os torcedores vão chegando na sede da Independente na Rua 24 de Maio no centro de São Paulo. Organizam a bateria, bandeiras, faixas, numeram os ônibus e distribuíram os ingressos. A Polícia Militar chegou algum tempo depois para fazer a escolta até o estádio do Morumbi e evitar encontros com santistas e depredações gratuitas de ônibus, metro e outros patrimônios. Violência, agressividade e destruição são elementos inclusos na elaboração da festa para esses torcedores.

Mais que a vitória do time, a torcida ficou muito satisfeita com a estréia do novo “bandeirão” com 30 metros de comprimento, cobrindo todo o setor laranja⁴ da arquibancada. Não se trata de uma bandeira qualquer, além de ser a maior que a Independente já teve, é a primeira bandeira do novo grupo político que estava no comando. Apesar da paixão que os torcedores tem pelo futebol, percebi que o interesse maior é com a manutenção do status da própria facção do que apoiar o time que torcem.

Na saída, com receio de conflitos de torcidas, a Polícia Militar reservou a avenida Jorge João Saad somente para os santistas e a Avenida Morumbi para os são-paulinos. Muitos ficaram presos nas redondezas do estádio por necessitarem da Avenida proibida, causando alguns tumultos entre torcedores contra a Polícia Militar. A solução criada pelos próprios torcedores foi a de esconder a camisa para conseguir utilizar as vias reservadas para os adversários.

3.2.7 – Estádio Palestra Itália (Parque Antártica)

26/04/2006

Taça Libertadores da América

Palmeiras 1 x 1 São Paulo

Pelo segundo ano consecutivo as equipes do Palmeiras e do São Paulo se encontram na fase eliminatória do “mata-mata” da Taça Libertadores da América. No anterior não fui, mas desta vez estava receoso, mas também empolgado e curioso.

4 – O anel superior do estádio do Morumbi é dividido em 4 partes: azul, vermelha, laranja e amarela. A arquibancada azul ficam os sócio-torcedores e a vermelha ficam direcionadas para o centro do gramado. Já o setor laranja, em que ficam as torcidas organizadas e amarelo estão localizados atrás das traves dos goleiros

Da mesma forma que o ano de 2005, a diretoria do São Paulo Futebol Clube entregou toda cota de 10% dos ingressos (2.500) para as torcidas organizadas. Não era necessário ser associado para conseguir um bilhete, no entanto, era preciso ser um “Independente”. Não é qualquer pessoa ou mesmo associado que chega na sede e consegue facilmente um ingresso, a preferência é para aqueles que estão com a torcida em quase todos os jogos e não somente nos momentos decisivos. Desta forma, ser um “Independente” não é somente ter uma carteirinha, roupas da facção e mensalidades em dia, é preciso participar e estar presente na organização dos materiais, nos jogos pequenos, nos jogos de risco, nos jogos decisivos e nos eventos fora do futebol como desfiles de carnaval e festas.

Muitos ficaram sem ingressos, mesmo assim, partiram junto com a torcida em uma caminhada do Largo do Paissandu até o estádio do Palmeiras com esperança de encontrar algum cambista ou de invadirem o estádio. Não tiveram sucesso, mas ficaram nas redondezas fazendo arruaças e tomando cerveja até o final do jogo, esperando o retorno da Independente para o Largo do Paissandu.

O jogo estava programado para as 19:00 horas. O horário de partida estipulado pela torcida foi as 17:00 horas. Cheguei na sede, na rua 24 de Maio as 16:00 horas, encontrei meus amigos Gêmeos, PH, Martão e Ale, comprei meu ingresso e fomos para o ponto de encontro. Com meia hora de atraso, a Independente partiu as 17:30 horas em direção ao Parque Antártica. Carros, motos e até helicópteros da Polícia Militar e da imprensa fizeram a escolta, formado um gigantesco corredor na Avenida Ipiranga, parando o trânsito e chamando atenção de transeuntes e pessoas nas janelas dos prédios.

No entanto, as pessoas não mostravam alegria ao ver aquele desfile de torcedores, estavam apreensivas e com medo. A Polícia Militar também parecia assustada, colocou em prática seu melhor recurso para não perder o

controle da multidão, bombas de gás e cacetetes. No meio da fumaça e entre as pancadas gratuitas dos policiais, nós, os torcedores, continuamos caminhando, pulando e cantando uma música típica para estes momentos tensos, explorando a agressividade, virilidade e ofensas aos rivais.

Vou tomar um porre de felicidade, vou sacudir a Mancha Verde na cidade!!!

Vou tomar um porre de felicidade, vou sacudir a Mancha Verde na cidade!!!

(Ê porcada)

Êêê porcada, no Morumbi, o bicho pega!!!

Êêê gambá, pode esperar, a sua hora vai chegar!!!

(Ê primavera)

Ééé primavera, no Morumbi a Independente é quem lidera!!!

(Mais que beleza)

Mais que beleza, no Canindé eu vou fuder a Portuguesa!!!

E joga bombas e morteiros, cheirando cocaína,

Vou dar porrada na torcida vascaína!!!

E joga bomba e morteiros, tomando pinga pura,,

Eu vou pra Minas acabar com a Galocura!!!

As massas possuem sentimentos de perseguição, nomeando seus inimigos e criando mecanismos de defesa para os ataques exteriores. As tentativas para condicionar ou até mesmo desfazer as manifestações das torcidas organizadas geram reações de resistência com agressividade e truculência.

“Ela pode ser dispersada pela polícia, mas isto terá um efeito meramente temporário – é o equivalente a uma mão que passa em meio a uma nuvem de mosquitos... O ataque exterior à massa pode fortalecê-la.”

(CANETTI, 1960, pg.21)

Alguns Integrantes da torcida com roupas comuns, sempre acompanhavam o bonde⁵ do outro lado da avenida com objetivo de perceber emboscadas, manifestações dos palmeirenses e possíveis espiões da Mancha Verde fingindo ser são-paulinos com intenções de descobrir o planejamento e os momentos vulneráveis da Independente, assim como a quantidade e tipos de armas existentes. No entanto, não houve brigas entre torcidas na ida, no estádio e nem na volta para o centro da cidade. As confusões ocorreram na volta dos “bondes” para suas regiões.

Antes de entrar no estádio, paramos em uma barraca para tomarmos cerveja, falar de futebol e contar vantagem pela coragem que tivemos de ir neste jogo de grande risco para os torcedores. Durante as conversas, sempre aparecia uma correria ali, guardas com cacetetes aqui, um chegando com a cabeça ferida, outro com a camisa de um Palmeirense rasgada na mão, enfim, fatos que seria absurdos no cotidiano, mas são corriqueiros em dias de futebol.

O espaço reservado para os são-paulinos era horrível, mal dava para assistir ao jogo. Mesmo assim, a torcida cantou o tempo inteiro, sendo até reconhecida pelos próprios jogadores que fizeram questão de ir até a beira da arquibancada e cumprimentar a Independente. Na verdade, os jogadores sempre fazem saudações e gestos específicos para a Independente, sempre tentando manter uma boa relação com a torcida. Isto porque mesmo não tendo vínculo com o clube e nem com os jogadores, adquiriu um poder de persuadir e coagir os torcedores comuns, sendo capaz de acabar com a carreira de jogadores, técnicos e até dirigentes se começarem a fazer manifestações e campanhas contra.

5 – A união de amizades com a Torcida Jovem Fla levou a uma troca cultural em que ambas passaram a repetir músicas e expressões umas das outras. No Rio de Janeiro, em que bondes levavam moradores da periferia para o centro, criou-se a expressão “De que bonde você veio?” para perguntar em qual região ou bairro a pessoa morava.

Transportada para São Paulo, a Independente possui “bondes” específicos de regiões ou de comportamentos. Quando todos se unem, forma-se o “bonde da Independente”.

Por precaução, a Polícia Militar liberou os são-paulinos uma hora após o término do jogo por estratégia de segurança. Assim, somente as 22 horas teve início os 6 km de caminhada escoltada pela Polícia Militar de volta ao Largo do Paissandu. Eram 2.500 pessoas sobre o Minhocão, chamando a atenção dos moradores que ficavam nas janelas dos apartamentos aplaudindo, xingando, somente observando, brincando, enfim, éramos o centro das atenções. No final do trajeto, a Polícia Militar foi embora e a multidão foi fragmentada em diversos “bondes” que seguiram para seus bairros. São nestes momentos, longe dos estádios, fora do horário dos jogos, sem interferência da polícia e com nenhum repórter para registrar que a confusão começa.

Segui com o “bonde” da zona sul com destino para Taboão da Serra e Campo Limpo. Dois membros da diretoria, que são da mesma região e foram na frente de carro, ligaram avisando que a Mancha Verde da Zona Oeste e Sul estavam na esquina da Avenida Francisco Morato com a Avenida Vital Brasil nos esperando com o número de pessoas muito maior do que o nosso. Descemos do ônibus as 23:30 horas na Avenida Rebouças para procurarmos paus e pedras e caminhamos até o bairro de Pinheiros para o confronto.

Estava com muito medo, mas não poderia abandonar o grupo, porque isto custaria minha credibilidade e até mesmo a permanência dentro da Independente. Todas as roupas e bonés da torcida ou mesmo do time estavam escondidos, um integrante da torcida (Minhoca), que havia roubado uma camisa do Palmeiras de algum torcedor no Parque Antártica, vestiu e fingiu ser palmeirense para chegar perto dos inimigos e verificar se tínhamos chance de vencê-los. Minutos depois o Minhoca chegou com a notícia de que eram muitos e a melhor solução seria nos dividirmos em pequenos grupos para ir embora sem chamar a atenção. Entrei em táxi com o Ale e os Gêmeos e segui para casa, já passava da 1 hora da madrugada.

No dia seguinte, na sede da Independente, sites de relacionamento e fóruns da Internet divulgaram o boato de que a Independente, bonde da Zona Sul, havia fugido da Mancha Verde.

3.2.8 – Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)

10/07/2006

Taça Libertadores da América

São Paulo 1 x 0 Estudiantes

Após a aventura no Parque Antártica, o São Paulo eliminou o Palmeiras na semana seguinte, vencendo por 2 x 1. Na fase seguinte da Taça Libertadores da América, enfrentou os argentinos dos Estudiantes de La Plata, perdendo a primeira partida por 1 x 0 em 10/05/2006. Devido a Copa do Mundo de Futebol, a segunda partida foi marcada para dois meses depois.

O torcedor gosta da seleção brasileira, mas a paixão pelo clube é maior. Todos os 70 mil ingressos foram vendidos e a empolgação dos torcedores era grande. Confesso que também estava ansioso, uma euforia incontrolável, parecia que tinha me tornado totalmente um deles. A bateria da Independente ditava o ritmo nas arquibancadas, os outros setores do estádio foram contagiados, complementando a festa que os são-paulinos estavam fazendo. Ali não existiam pobres, ricos, negros, brancos, homens, mulheres, médicos, estudantes, professores, enfim, haviam somente são-paulinos guiados pelas músicas e gritos da Independente.

Diferentemente do que ocorre nas ruas em que a massa pode crescer infinitamente, a reunião em locais fechados limitam o tamanho e definem claramente os integrantes. No lado interno forma-se um círculo de homens que estão de costas para a cidade, despreendendo-se das regras sociais, da família e de

sua própria condição como indivíduo. Estão todos incorporados na massa e preocupados somente com que ocorre no lado de dentro.

“As filas são escalonadas de baixo para cima para garantir que todos possam ver o que está ocorrendo embaixo. No entanto, isto tem como consequência que a massa está sentada perante si mesma. Cada um tem mil corpos e mil cabeças instaladas à sua frente. Enquanto ela estiver lá, todos também estarão. O que provoca a excitação neste expectador também excita os demais, e ele o percebe. Os demais estão sentados a alguma distância dele; os detalhes, que em outras ocasiões servem para distinguir e individualizar as pessoas, se perdem. Todos se tornaram muito parecidos, todos se comportam de maneira semelhante. O indivíduo percebe nos demais apenas as coisas que ele mesmo está sentido naquele instante. A excitação que ele mesmo sente.”

(CANETTI, 1960, pg. 28)

O São Paulo venceu por 1 x 0, levando a decisão para a disputa de pênaltis. O goleiro são-paulino defendeu a última cobrança para o delírio da torcida em que uns pulavam, outros ficavam de joelhos com as mãos para cima agradecendo a alguém ou alguma coisa, tinham pessoas desconhecidas abraçadas, chorando, enfim, foi um sentimento que tomou conta dos torcedores. Neste momento, as regras sociais e a vida cotidiana ficaram do lado de fora dos portões do estádio, ali estavam os torcedores festejando a vitória do seu time.

3.2.9 – Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi)

10/09/2006

Campeonato Brasileiro

São Paulo 0 x 0 Corinthians

Neste dia, a diretoria da Independente não fez convocação para todos se unirem na sede e partirem para o estádio. Ficou a critério dos “bondes” a estratégia a ser adotada para seguirem ao Morumbi.

O bonde da Zona Sul, optou em ir a pé, partindo o Largo 13 em Santo Amaro, encontrando a outra parte do grupo no Largo do Campo Limpo. Dali seguiram pela Estrada do Campo Limpo até o Largo do Taboão da Serra, local que encontraram a última parte do grupo. Foi nesta última etapa que me juntei à torcida. Na avenida Francisco Morato a tropa de choque estava esperando o pessoal da Zona Sul para fazer escolta até o estádio. Diferentemente do jogo no Parque Antártica pela libertadores contra o Palmeiras em que a Polícia Militar acompanhou os torcedores com muito respeito, a violência foi a única forma de comunicação desta vez. Cacetetes e ofensas por parte dos policiais e os gritos de guerra e ameaças de revide por parte da Independente formaram a tonalidade do caminho.

O pior estaria por vir. Na praça Roberto Gomes Pedrosa, em frente ao portão principal, um grupo da torcida Gaviões da Fiel estava chegando com bombas caseiras, pedras e qualquer outra coisa que pudesse ser arremessada. Os são-paulinos reagiram da mesma forma, tendo início à confusão. Logo, todo restante da Independente correu para se unir com o pessoal da Zona Sul, ocorrendo o mesmo no lado dos corinthianos. No meio da confusão estava a tropa de choque da Polícia Militar, que também recebeu reforços, batendo os cacetetes em seus escudos, jogando bombas de gás e dando tiros com balas de borracha.

Depois que a confusão foi controlada, desisti de assistir o jogo e fui para a casa, pois a saída prometia ser ainda pior. No entanto, a expressão dos torcedores não era de medo ou raiva, pareciam satisfeitos, tratando aquele momento como se estivessem saboreando o prazer de algum grande evento festivo.

3.2.10 – Estádio Vila Belmiro

05/11/2006

Campeonato Brasileiro

Santos 0 x 1 São Paulo

A torcida estava empolgada com o time na liderança do campeonato. A sede da Independente estava sempre cheia de pessoas querendo comprar souvenirs e tornar-se sócios. Mesmo sendo em Santos, a procura por ingressos foi grande, gerando discussões na diretoria para decidir como seriam distribuídos os dois mil ingressos.

Dois ônibus foram reservados para o “bonde da zona sul”. Entretanto, as 8:00 horas da manhã no Largo de Taboão da Serra tinha são-paulino o suficiente para encher mais de 5 ônibus. A disputa foi intensa, mas a preferência foi dada pelas relações mais próximas de amizade em primeiro lugar e pelos integrantes mais freqüentes nos jogos em segundo lugar. Como o meu amigo PH estava no comando, consegui a passagem e o ingresso.

Os santistas da Torcida Jovem costumam fazerem emboscadas no final da Rodovia dos Imigrantes, atacando de surpresa as torcidas adversárias. Devido a isto, a Polícia Militar depois de revistar todos os ônibus e torcedores, escoltaram os são-paulinos na ida e na volta de Santos para evitar confrontos de torcidas.

As torcidas de Santos e São Paulo estavam eufóricos apoiando o time e provocando uma a outra durante o jogo inteiro. Estávamos em número muito menor (10% do total de ingressos), mas quando o São Paulo fez o gol, parecia que no estádio havia somente são-paulinos. Foi uma alegria incontrolável pela vitória do meu time e também por ver a decepção dos santistas. Estes por sua vez, começaram a cantar músicas que criticavam o próprio time e ofendiam a torcida adversária.

Esta observação participante realizada junto com a Torcida Tricolor Independente, mostrou que os torcedores abandonam temporariamente a individualidade quando estão incorporados no grupo. Assim, são manipulados a se comportarem de forma coreografada e repetitiva. No entanto, não parece que isto

estaria contrariando a vontade destes indivíduos, pelo contrário, além de ser contagiante, atuam com muita satisfação e alegria.

Assistir uma partida de futebol, agredir torcidas rivais, enfrentar a Polícia Militar, aterrorizar os transeuntes, manipular torcedores comuns e controlar o comportamento dos jogadores são sempre tratados com muita festa. Este poder adquirido é reforçado pela constante procura de pessoas tentando associar-se à Torcida Organizada e a divulgação de seus atos pela mídia.

Capítulo IV.

A Festa das Torcidas Organizadas como Transgressão

Temporária

A festa é uma manifestação natural dos seres humanos na busca de prazer, resistência, e inversão de valores. Não é uma fuga total do cotidiano e da racionalidade, é um momento temporário de libertação das regras sociais através do erotismo, desperdício, luxo e culto aos deuses (BATAILLE, 1987). Ocorre uma confusão entre o sagrado e o profano na tentativa de expulsar os agulhões adquiridos no decorrer da vida. Esta transgressão é busca de uma intimidade perdida para a sociedade da mercadoria e da produtividade. As festas e o erotismo retomam a excitação e o prazer perdidos no cotidiano, formando uma vertigem nos homens. Bataillie classifica as necessidades humanas em duas partes: a primeira se refere às necessidades mínimas para a sobrevivência e sociabilidade dos indivíduos como alimentação, saúde e moradia por exemplo. Já a segunda parte é sobre as despesas improdutivas como festas, cultos, luxo, jogos, erotismo e outros prazeres originados no desperdício e no sacrifício.

O desperdício provindo do excesso, não está separado do cotidiano, é uma tentativa de inverter ou destruir estes valores sociais. (Bataille,1987) chama esta destruição de sacrifício, devido ocorrer uma negação da realidade tanto pelo sacrificador quanto para a vítima, mas não é um aniquilamento é torná-la insignificante. O futebol representa este estado de transgressão e inversão de um sistema estabelecido pelos compromissos, produtividade e consumismo por orgia, festa, êxtase e outros excessos que rompem as divisões entre o sagrado e o profano é uma simulação temporária de outra realidade para legitimar as inversões de poder ou a morte dos opressores. Da mesma forma que ocorre com o sacrifício, que nada mais é

que o inverso da produtividade, visando somente os prazeres do momento, sem retorno financeiro e benefícios futuros, a morte também é figurada, ou seja, não representa o fim de alguma vida e sim de um símbolo. Na vida real as coisas estão em plena harmonia, dentro de uma ordem em que a morte é real e assustadora devido ser íntima e violenta. Na desordem, o sacrifício da morte significa a expulsão do inimigo do estado transgressor para mandá-lo de volta ao mundo real.

As torcidas organizadas utilizam-se de músicas para festejar nas arquibancadas dos estádios de futebol, negando a realidade com agressividade, ironia, obscenidade e outras atitudes grotescas. A guerra neste estado de transgressão não está reduzida somente a destruições, também é uma tentativa de inferiorizar o seu adversário ou mandá-lo de volta para a ordem natural das coisas. A torcida Tricolor Independente utiliza algumas músicas que representam esta guerra contra torcidas rivais. São tentativas de intimidar, calar e espantar o inimigo. Pular, gritar e cantar de forma rítmica e repetitiva são elementos festivos que dão alma à massa. Enquanto durar a festa, a vida e o prazer estarão assegurados (CANETTI, 1960). Entretanto, a festa, começa somente quando os objetivos estiverem concluídos, e este nada mais é do que aniquilar o inimigo.

“O estouro de uma guerra é, antes de mais nada, o estouro de duas massas. Assim que elas se formam, a suprema intenção de cada uma delas é manter-se como convicção e como ação. Renunciar a elas, equivale a abandonar a própria vida. A massa guerreira atua sempre como se tudo o que está fora dela fosse morte.

(CANETTI, 1960).

A Independente possui estes momentos em que buscam destruir os rivais para festejarem a supremacia e superioridade:

Nós queremos Gaviões,
Nós queremos Gaviões,
Vem, filha da puta,

Vem correr de novo seus cuzões
Corre, corre gavião! Que a Independente ta vindo por aí.
Vai dar porrada vai jogar bomba caseira, não vai ser de brincadeira,
Vai mandar pra UTI.
Porque a Independente veio pra dominar!!!
A Capital, o litoral o interior e o ABC
Pegar metrô vai parar no cemitério , agora eu falo sério,
Vou botar para foder!!!

Eu sou um guerreiro que sozinho mato mil,
Eu sou da Independente a mais temida do Brasil,
Se é pra matar,
Se é pra morrer,
Eu sou da Independente e vou botar para fuder!
Eu sou Independente eu sou, vou dar porrada eu vou,
E ninguém vai me segurar
Nem a PM!!

Domingo quente!!! Ai que emoção!!! Eu mato um Mancha e enterro um Gavião!!!

Historicamente a população brasileira é caracterizada por ser festeira, alienada e irresponsável. É o país da festa em que tudo acaba em carnaval e desordem, no entanto a minha hipótese parte para a idéia de que as festas são transgressões realizadas por grupos organizados que tem como meta a inversão dos valores sociais de forma temporária e a destruição do sistema opressor de forma definitiva. Entre estes estão as torcidas organizadas, oferecendo mais do que apoio ao time para qual torcem, representam resistência a um sistema de exclusão e desigualdade, crescendo econômica e politicamente independente do futebol. Com linguagem e símbolos próprios, as festas são ações coletivas capazes de consolidar a igualdade entre os integrantes, atendendo as expectativas do grupo.

Nas festas, a sensualidade e as paixões ajudam a revitalizar as energias dos indivíduos até chegarem a uma excitação descontrolada. Músicas, bebidas, danças, coreografias, gritos e outros comportamentos efervescentes que contagiam a todos participantes que transgridem a individualidade para se entregar completamente aos interesses do grupo. Na linha durkheiminiana, esta entrega do indivíduo ao grupo é um contato com forças sobrenaturais através do sacrifício de transformar algo profano em sagrado. Não é o sacrifício literal, é o de símbolos e objetos que atingem uma dimensão muito mais ampliada nos momentos de transgressão. Não é preciso ter uma vítima que oferece sua vida ao sagrado para as energias contagiarem a todos os participantes para se manifestarem com gritos, danças, cantos, gestos e outras exaltações quase obscenas.

“toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso.[...] Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza-se freqüentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento, [...] não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados.” (Durkheim, 1998, p. 547,548).

Para Bataille (1993), o sacrifício representa o retorno da intimidade perdida entre o indivíduo e o mundo. Mas entregar-se significa liberar a animalidade, negando a humanidade. Em outras palavras, o homem se desprende das regras sociais para se entregar aos instintos. Desta forma, as festas

representam a inversão ou o fim das diferenças entre os indivíduos. Transgridem, mas também extraem elementos do cotidiano como símbolo para as celebrações que reabastecem os laços sociais e faz com que o indivíduo saboreie uma liberdade interdita. As torcidas organizadas asseguram a união do grupo através dos cantos, gritos, hinos e símbolos de forma festiva e extravagante. É uma exuberância erótica, livre do controle social e da moral, prevalecendo as pulsões individuais, que só é possível na transgressão em grupo.

A discussão sobre o sujeito não pode ficar separada da vida social devido estar incorporado nesta juntamente com questões econômicas, tecnológicas, políticas e sociais. O movimento de construção e reconstrução do mundo contemporâneo cria dificuldades de construir a própria identidade, formando um vazio no indivíduo e conseqüentemente no próprio grupo. Mesmo com diferenças culturais, econômicas e até políticas, as pessoas precisam se unir e formarem grupos solidários que marquem o caminho a seguir e ajude na construção da identidade de seus componentes. No entanto, não basta somente a união de indivíduos para caracterizar um grupo, é preciso ter laços emocionais através da sugestibilidade, pois ao estar em grupo, ocorre inibição dos sentimentos devido a influência e interesse de formar uma homogeneização que supere as intolerâncias pessoais. Esta última ocorre através da moral e ética que são as bases para buscar o bem narcisista, do outro e de toda sociedade por meio de instituições justas, respeitando as hierarquias e diferenças com reciprocidade, amizade e solidariedade.

Quem vai a um jogo de futebol sempre fica impressionado com a festa praticada pelas torcidas organizadas através da disputa pela maior e mais bonita bandeira, coreografias, roupas, cantos de incentivo, provocações, protestos, enfim, um espetáculo à parte do jogo de futebol que contagia e incorpora em qualquer pessoa que estiver próximo. No entanto, não são improvisadas, ocorre todo um preparativo antes das partidas em que as Torcidas Organizadas praticam rituais para unificar o grupo de torcedores de uma forma transgressora e

dionisíaca. Isto segundo Bataille, (1987), é a extrapolação do erotismo que foi libertado do controle social e moral, prevalecendo as pulsões individuais que só são possíveis na transgressão em grupo. Desta forma, a festa se transforma em uma expressão e manifestação coletivas contra a fragmentação dos interesses individuais e racionais do cotidiano. Com o final da partida de futebol, a multidão se desfaz e o indivíduo retorna, mostrando que a festa é uma satisfação imediata e temporária da mesma forma que o erotismo, através do prazer incontrolável, representado neste caso pela vitória sobre os inimigos. No estádio, o medo da violência e derrota do time, unidos com os desejos de conquistar a vitória e agredir os adversários, estão todos incorporados na festa dos torcedores através da raiva, paixão e alegria que assustam, mas também motivam torcedores e jogadores.

O futebol pode ser comparado a um ritual religioso (DURKHEIM, 1989) através dos preparativos dos torcedores com suas vestimentas, pinturas corporais e outras que vão de encontro com a superstição dos próprios jogadores que rezam o “pai nosso” de mãos dadas, entram em campo com o pé direito e assim por diante. Neste contexto, torcedores e jogadores se tornam personagens ativos de um cerimonial religioso que tem objetivo de exorcizar o demônio que também esta presente e visível no templo sagrado, ou seja, no estádio de futebol. O time rival e sua torcida são vaiados, xingados e às vezes até agredidos por torcedores e pelos próprios jogadores e dirigentes, não existe cordialidade, os visitantes são tratados como uma ameaça que precisa ser destruída. Um exemplo disto ocorreu na semifinal da taça Libertadores da América de 2005 entre São Paulo e River Plate em que no primeiro jogo realizado no estádio do Morumbi em que a delegação Argentina foi recebida com pedradas e conseqüentemente o jogo de volta na Argentina a delegação e torcida são-paulina também foi recebida da mesma forma pelos torcedores do River.

As pessoas quando vão ao estádio para assistir uma partida de futebol, abandonam suas identidades para incorporarem um espírito de torcedor de forma intensa e temporária. A relação do torcedor com seu time sai da racionalidade

para atingir a forma sagrada através de sacrifícios que resultaram em prazerosas recompensas. Assim, não se importa em sentar no cimento, tomar chuva ou sol por horas, enfrentar tumultos na compra de ingressos e na entrada do estádio. Diferentemente do teatro, partidas de tênis e outros eventos com platéia, os estádios de futebol não servem apenas para assistir partidas de futebol, são locais de participação e relacionamentos com grupos e organizações que transcendem as relações sociais através da formação de uma identidade coletiva irreal, temporária e abstrata através de uma subconsciência coletiva que inibe a consciência individual. Nestes momentos de incorporação à massa, a racionalidade é colocada de lado juntamente com as regras sociais liberando da animalidade do homem. O trecho a seguir representa claramente este descontrole do indivíduo no meio da massa:

“A medida em que o jogo avançava, descobri que estava nascendo em mim o anseio por um gol. Enquanto as esperanças e frustrações desse gol continuavam a ser expressas através dos corpos das pessoas prensadas contra mim, fui tomado por um sentimento, semelhante a um apetite, progressivamente intenso, de ansiedade, esperando que naqueles chutes conseguissem ultrapassar o goleiro do Millwall. Ele foi envolvendo tantos aspectos de minha pessoa – o que eu sentia de ponta a ponta de meu corpo é que estava me tornando diferente daquele que ingressara no estádio: eu estava deixando de ser eu. Não houvesse um momento determinado em que eu tivesse deixado de perceber a mim mesmo; houve apenas a percepção de que, por certo período de tempo, eu deixava de ser. O jogo conseguira dominar meus sentidos e me transportara, a mim que jamais dera a mínima importância ao destino do Cambridge, a um estado emocional bastante exaltado.”(BUFORD,1990).

A festa oferece oportunidade para os indivíduos exaltarem a liberdade em sua essência, não existindo o proibido. São nestes momentos que transgridem a realidade. Não são necessariamente os opostos das regras sociais, podem ser a sua representação na totalidade, algo que completa ou inverte o cotidiano (BATAILLE, 1987). Para as Torcidas Organizadas, o jogo é mais que uma festa é um momento sagrado em que acreditam que são superiores aos

outros torcedores e com grande poder de influência na partida, utilizando a agressividade para legitimar esta condição. É muito agradável presenciar as festas realizadas pelas Torcidas Organizadas com suas coreografias e cantos que contagiam a todos e oxigenam o futebol. União e amizade entre torcedores que se abraçam, festeja, desabafam, choram nas vitórias ou derrotas de seu time de forma intensa como se estivessem vivenciando o apocalipse ou se todos os problemas do mundo tivessem acabado. Esta transgressão, não ocorre no cotidiano, mostrando que as atividades racionais e instrumentais das sociedades não se completam sem as irracionais, além de possuir órgãos, carne e ossos, o ser humano é movido também por sentimentos como amor, paixão, alegria, medo, raiva e outros que interligam sentimentos naturais com situações artificiais, caracterizando o equilíbrio entre o racional e o irracional. A formalização do rito é facilmente percebida nas Torcidas Organizadas através de sinais fixos como a mesma roupa, bandeiras, cantos, gritos de guerra e gestos. É irreconhecível as mesmas pessoas que são membros destas facções na vida cotidiana, confirmando que são comportamentos transgressores praticados em grupo e que não tem ligações com o dia a dia no trabalho, na escola, em casa ou em outro ambiente que não esteja ligado a uma partida de futebol.

A organização das festas nas arquibancadas segue um ritual detalhista de forma sagrada, acreditando transportar maiores energias aos atletas. Pintam-se os rostos com as cores do time, usam as camisetas da própria torcida e não as oficiais do clube, as bandeiras presas em mastros de bambu tremulam para fixar o território, uma faixa com o nome da torcida é amarrada no parapeito da arquibancada, as coreografias e músicas são preparadas previamente, a bateria ajuda no animo dos torcedores enfim, todo um preparativo que começa antes através do ponto de encontro para caminharem juntos para o estádio. Juntamente com os torcedores, os próprios jogadores que, apesar de estarem conscientes de que é o preparo físico e a condição técnica que vão determinar o time vencedor do jogo, acreditam que as vibrações que chegam das arquibancadas são fundamentais para a vitória da equipe, misturando o técnico e

racional com o mágico e irracional. É devido este contexto de participação ativa que o torcedor de futebol se diferencia dos espectadores de outros eventos, pois ocorre uma fusão entre jogadores e torcedores.

Após 12 anos de espera, o São Paulo Futebol Clube chegou na final da Copa Libertadores da América. Não era somente a expectativa do torneio mais importante das Américas, foi também a oportunidade de redenção do clube, pois, durante este período de espera, as conquistas foram poucas e insignificantes para uma torcida que desejava voltar a sentir o prazer de comemorar um título continental. Duas semanas antes da grande decisão os ingressos já estavam esgotados. Na verdade, acabaram em questão de horas, com uma fila quilométrica que foi formada em volta ao estádio do Morumbi na madrugada do dia anterior ao início das vendas com uma estimativa de 100 mil pessoas para comprar 70 mil entradas; sem falar que tudo isto ocorreu mesmo após o preço dos ingressos terem aumentado 100%. A empolgação dos são-paulinos e a desorganização das bilheterias levaram a tumultos, pisoteamentos, desmaios, assaltos, enfim, desrespeito total ao público de futebol. Para resolver a confusão a tropa de choque da Polícia Militar foi solicitada. Chegaram agredindo com cacetetes, chutes, socos, bombas de gás e tiros com balas de borracha a todos que estavam nas filas. Parece que o Estatuto do torcedor, que entrou em vigor a partir de 15 de maio de 2003, não está sendo cumprido pelos dirigentes esportivos, organizadores das competições e nem pela Polícia Militar. Segue trechos do estatuto que comprovam isso:

CAPÍTULO IV

DA SEGURANÇA DO TORCEDOR PARTÍCIPE DO EVENTO ESPORTIVO

Art. 13. O torcedor tem direito a segurança nos locais onde são realizados os eventos esportivos antes, durante e após a realização das partidas.

Art. 14. Sem prejuízo do disposto nos arts. 12 a 14 da Lei no 8.078, de 11 de setembro de 1990, a

responsabilidade pela segurança do torcedor em evento esportivo é da entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo e de seus dirigentes, que deverão:

I – solicitar ao Poder Público competente a presença de agentes públicos de segurança, devidamente identificados, responsáveis pela segurança dos torcedores dentro e fora dos estádios e demais locais de realização de eventos esportivos;

Art. 19. As entidades responsáveis pela organização da competição, bem como seus dirigentes respondem solidariamente com as entidades de que trata o art. 15 e seus dirigentes, independentemente da existência de culpa, pelos prejuízos causados a torcedor que decorram de falhas de segurança nos estádios ou da inobservância do disposto neste capítulo.

CAPÍTULO V DOS INGRESSOS

§ 2o A venda deverá ser realizada por sistema que assegure a sua agilidade e amplo acesso à informação

No entanto, a Torcida Independente que tem o privilegio de receber uma cota de ingressos na sua sede para vender aos associados. O clube faz questão que sua principal torcida esteja presente na decisão, pois apesar de não serem sócios do clube, acompanham o time em qualquer lugar do planeta, enfrentando adversidades. Este cuidado especial com parte da torcida ajuda a fortalecer as Torcidas Organizadas tornando-as superiores aos outros torcedores. Devido a grande quantidade de torcedores sem ingressos, boatos surgiram sobre um telão que seria colocado na praça em frente ao estádio do Morumbi pelo São Paulo Futebol Clube e outro na Avenida Paulista pela Rede Globo para transmitir a final do campeonato. Apesar de 70 mil ingressos vendidos, tinham mais de 100 mil pessoas nas redondezas do estádio e outra estimativa de três mil na Avenida Paulista no dia do jogo. A decepção dos torcedores foi demonstrada pela destruição dos carros estacionados nas redondezas do Morumbi e pela depedração de loja, bancas de jornal, pontos de ônibus, metro e carros na

Avenida Paulista. Novamente a Polícia Militar chegou com toda violência para conter a baderna. Apesar de estar dentro do estádio, as Torcida Organizadas foram responsabilizadas por toda confusão ocorrida na cidade devido à desorganização do evento. No entanto, os jogadores que ficaram o dia inteiro na concentração, ficaram acompanhando os noticiários da movimentação e ansiedade dos torcedores, pois tanta empolgação reforçaria a motivação para jogar bem, diferente dos jogos em que tem pouco público.

Apesar de lotado, a torcida estava dispersa, esperando alguma palavra de ordem para poder se unir e incentivar o time. Devido o trânsito, a fiscalização e a escolta feita para os ônibus que saíram da rua 24 de maio no centro de São Paulo para o estádio do Morumbi na zona Sul, a Independente não conseguiu chegar 3 horas antes do jogo conforme esperavam seus diretores. Assim, a euforia dos torcedores quando viram a faixa sendo estendida, a bateria tocando e o grito de guerra da torcida como sinal de sua presença foi tão grande quanto a entrada do time em campo, caracterizando mais um motivo para colocar as Torcidas Organizadas como representante dos outros torcedores em que o bom relacionamento do clube e dos jogadores com estas facções é fundamental para a tranquilidade e confiança nos jogos.

Quem for da Independente pode se juntar, quem não for chega pra lá!

Independente é uma nação.

Independente é uma nação.

Que está na arquibancada, onde todo mundo aqui é irmão.

Lôôôôôco, loco, loco, loco, locôôô...

Independente!!!

A harmonia estava estabelecida com a chegada da Torcida Independente, todos são-paulinos e jogadores estavam aliviados com a chegada daqueles que iriam controlar as arquibancadas e passar energias aos atletas tricolores e negativas aos do Atlético. Ao entrar em campo, os paranaenses receberam uma sonora vaia e xingamentos como se fossem seres do mal que chegaram para

estragar a festa e felicidade de todos. Os próprios jogadores sabiam e queriam isto pois o fracasso do time do Morumbi seria o sucesso dos rubros negros de Curitiba. Aqueles que a torcida do São Paulo julgava serem os demônios a serem exorcizados, eram considerados santos para os atleticanos. Estes foram representados na final pela torcida “Os Fanáticos”, que eram três mil das 70 mil pessoas presentes no estádio. Já o time do São Paulo teve uma tremenda festa ao entrar em campo com milhares de luminárias vermelhas acesas e o grito ensurdecedor que contagiou a todos ali, mostrando que não eram somente os jogadores que decidiriam a partida de futebol. O temor dos atletas atleticanos e a garra dos são-paulinos mostraram que a participação ativa da torcida em partidas de futebol é diferente da platéia de outro evento qualquer.

É tricolor, ôooo, ôooo, ôooo, é tricolor...

Oooô, São Paulo, Oooô, São Paulo

Ooôoooô,ooôoooô,ooôoooô

Apesar de mostrar uma agressividade nos torcedores, as músicas representam as festas nas arquibancadas. Estas não são oficiais, cívicas ou religiosas em comemoração a alguma data especial ou a algum santo cristão, são lúdicas e expressam o desejo dos homens em transgredir o cotidiano:

“Ora, se tais oportunidades de sociabilidade festiva jamais dispensavam, como é de se supor, o concurso da música – marcial no caso das comemorações cívicas, fúnebres nas cerimônias de exéquias e na Semana Santa, mas já próxima da alacridade no júbilo dos hinos de procissão -, é nesse contexto de intromissão da nota profana nos eventos devoto-oficiais que se vai encontrar a história de como os sons do poder serviram à Festa na América Portuguesa”. (TINHORÃO, 2000,p. 09).

O batuque e o samba são os elementos utilizados nas arquibancadas pelas Torcidas Organizadas para fazer a festa que vai além do apoio ao time, representando também uma manifestação popular de resistência e protesto contra

diferenças sociais do cotidiano. Neste sentido, as festas nas arquibancadas ganham vida própria independente das partidas de futebol, surgindo até Escolas de Samba que representam estas torcidas. Nas arquibancadas, a Torcida Independente tem músicas específicas para cada situação do jogo. De início, sempre cantam aquelas que servem para reafirmar o poder que exercem sobre os são-paulinos comuns, ao clube e ao próprio time:

Olé, olé, oleee, olé, olé, olé, ola
Olé, olé, olé,
A cada dia te quero mais!
Porque!?!?
Sou Independente...(Independente)
É o sentimento que não pode acabar

Existem as músicas que servem como incentivo ao time em que o objetivo é o de mostrar para os jogadores que não estão sozinhos, pois a torcida esta com eles em qualquer lugar. Cantam no Morumbi, mas é uma música bastante utilizada em jogos no campo do adversário, pretendendo superar a inferioridade numérica de torcedores e fazer com que os jogadores se sintam a vontade.

Le lê lê, ôo, (São Paulo), lê le lê ôo, (São Paulo)
Torcida Independente é a força tricolor
Levanta arquibancada
Não para de agitar
Não tem medo de ninguém
E jamais acabará
Aqui no Morumbi, Pacaembu
Ou Chiqueirão
Torcida Independente contagia essa nação.

No Morumbi, tentam fazer exatamente o contrário com a torcida adversária e conseqüentemente com os jogadores, mostrando que são donos do lugar e que ninguém deverá se atrever a dominá-los:

Aha, uhu, o Morumbi é nosso!

Uh, bandido mal,
Eu sou da Independente,
O terror da capital,
(e litoral...)

Domingo eu vou lá no Morumbi, eu vou, eu vou,
A Independente vai invadir,
Vou levar foguetes e bandeiras, não vai ser de brincadeira,
o meu time vai ser campeão,
Mas eu não quero, cadeira numerada, vou de arquibancada,
Pra sentir mais emoção,
Porque o meu time, veio pra vencer,
E o nome dele sou eu quem vai dizer,
Ôo, ooo, ooo, ooo,oo, oo, São Paulo.

Quando o time entra em campo ou nos momentos em que as partidas estão empatadas, as torcidas organizadas tentam levantar a auto estima dos jogadores a ponto de sentirem-se superiores aos adversários, buscando um domínio que conseqüentemente levará aos gols.

Vai la, vai la, vai la!!!
Vai la de coração,
Vamos São Paulo, vamos São Paulo,
Vamos ser campeão.

São Paulooooooooooooooooo, São Paulooooooooooooooooo

Uhhh Tricolor
Uhhh tricolor

Olé – lêô
É tri- color!!!
Olé – lêô
É tri- color
Oleeee, lêôôôô é Tricolooooor!

Já no caso do time estar perdendo o jogo, são cantadas músicas que buscam a recuperação do ânimo dos jogadores para tentar reverter o resultado desfavorável e iniciar uma reação a caminho da vitória.

Laiálaiálaiála, Laiálaiálaiála (palmas)
Só da São Paulo
EeEeEe
Bota pra fuder!!!

Lelele, lelele, leleo
O, o, o, o
São Paulo é o time da virada
São Paulo é o time do amoor.

Nos momentos em que se esta vencendo a partida, ocorre constantemente um maior domínio do time adversário na tentativa de empatar e até virar a partida. A própria torcida rival começa a cantar as músicas específicas de recuperação conforme dito no parágrafo anterior. Assim, a torcida começa a utilizar as canções para momentos favoráveis, a fim de passar energias e sentimentos positivos aos jogadores para tentar mostrar que são melhores e que a tendência do placar é de aumentar a diferença e não a recuperação do outro:

Independente olé.
Explode coração,
Na maior felicidade,
É lindo meu São Paulo,
Contagiando e sacudindo essa cidade,
Explode...

A maré ta cheia, ta, ta, ta,
Cheia do que?
Cheia de sereia,
E o Tricolor querendo golear,
Caiu na rede é peixe, lê lê a, (Independente),
Tricolor vai golear...

Existe também o hino do clube, que com uma coreografia específica, baseada na dança aeróbica praticada nas academias de ginástica na década de 90, os torcedores cantam pulando no mesmo ritmo até chegar o refrão quando cruzam os braços na forma de crucifixo e levantam acima da cabeça repetitivamente. Esta é uma canção que serve para qualquer momento da partida de futebol, representando a unificação dos torcedores, jogadores no símbolo do São Paulo Futebol Clube.

A imprensa divulga e influenciam a opinião pública dizendo que as Torcidas Organizadas são instituições compostas por bandidos que tem como meta à destruição e violência contra o cidadão comum e entre as facções rivais. Toda agressividade, poder e incentivo estão explícitos nas festas que realizam na arquibancada em que as músicas são os termômetros dos sentimentos e situação das torcidas e do jogo. A Independente têm diversas que servem para ofender outros clubes, torcidas e a Polícia Militar. Esta última se tornou um alvo porque é a instituição do Estado que busca eliminar esta resistência em nome de uma ordem que privilegia as desigualdades; talvez seja neste ponto que surge toda uma condenação da sociedade contra as Torcidas Organizadas.

Eu sou da Independente, sou a força tricolor,
Nosso lema é dar porrada e botar muito terror.
Pode na capital, interior ou Abc
Eu sou da Independente e vou botar pra foder!
O que vai ter? Porrada!
Eu sou Independente eu sou, vou dar porrada eu vou,
E ninguém vai me segura, nem a PM!!!

Agente gosta de bater nos porcú,
De dar porrada e de dar paulada,
Agente bate, bate, bate forte e não quer parar (vem, vem,vem)
Vem a TUP e toma no nariz,
Mancha Verde agente pede biz,
Vem a porcalhada toda de uma vez (vem, vem, vem)
Vem a TUP e toma no nariz,
Mancha Verde agente pede biz,
Vem a porcalhada toda de uma vez!

Uh, é o arrastão,
Arrasta Mancha Verde,
Jovem, Tup e Gavião,
(e a fabulosa).

Alô, alô porcada, alô torcida de cusão,
Pra encarar a Independente tem que ter disposição.
Eu sou da Independente, a mais temida o terror!
Ei porco, deixa de cão, eu sou da Independente a mais temida o terror!
Ei porco, deixa de cão, eu sou da Independente a mais temida o terror!
Oiá, oiá eu sou guerreiro lutador
Eu sou da Independente, sou a força tricolor (oiá, oiá)

Eu sou um guerreiro que sozinho mato mil,
Eu sou da Independente a mais temida do Brasil,
Se é pra matar,
Se é pra morrer,
Eu sou da Independente e vou botar para fuder!
Eu sou Independente eu sou, vou dar porrada eu vou,
E ninguém vai me segurar
Nem a PM!!

Corre gavião na maior velocidade,
Vem vindo a Independente
Dando porrada lá no centro da cidade!

Eu sou, Torcida Independente eu sou, Torcida Independente,
Apesar dos apesares ela chega de repente
Se você tiver com medo é melhor sair da frente!

Quando eu vou para o Morumbá,
Cadê a galinhada?
Bato na Mancha com muito amor,
Eu sou é tricolor

Não é mole não!!! Tem um timinho que é chamado de timão!!!

Eu to cansado de bater na galinhada,
É uma torcidinha que não agüenta na porrada,
E na nove cada vez desce mais um (pro inferno)
E na nove cada vez desce mais um (pro inferno),
E o motivo todo mundo já conhece, no morumbá corre, Pacaembu desaparece,
Gaviões só tem cuzão, Gaviões só tem cuzão..

Enquanto a Polícia Militar e as Federações Esportivas tentam liquidar com as ações das Torcidas Organizadas e os políticos discutem modelos econômicos, reformas agrárias e outros itens, a população dos grandes centros urbanos fica cada vez mais perdida no presente e sem perspectivas futuras. Portanto é preciso realizar uma complexa reforma urbana com objetivo de direcionar os jovens para cidadania e não praticar a repressão militar e social como se o sistema estivesse pronto, entendendo que as pessoas estão marginalizadas por vontade própria. Os centros urbanos estão socialmente abandonados. Darcy Ribeiro sintetiza bem esta situação dizendo que:

“... as instituições tradicionais estão perdendo todo o seu poder de controle e doutrinação. A escola não ensina, a igreja não catequiza, os partidos não politizam. O que opera é um monstruoso sistema de comunicação de massa fazendo a cabeça das pessoas...aprofundando mais a marginalidade dessas populações e seu pendor à violência.” (RIBEIRO, 1992, p.207).

Considerações Finais

“Não é possível saber de antemão de que lado e quando será marcado um gol; além disso, à margem destes acontecimentos centrais, muitos outros podem acontecer que provocam manifestações ruidosas... o derrotado terá a oportunidade de uma revanche e a situação não ficou encerrada definitivamente. Aqui a massa realmente pode se tornar ampla; ela pode primeiro congrega-se nas entradas e depois conter-se nos assentos; ela grita de uma forma que está ao alcance de todos, quando chega o momento exato par isso; e, mesmo quando tudo termina, ela fica almejando outras oportunidades semelhantes.”

(CANETTI, 1960, p.37)

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa etnográfica da Torcida Organizada Tricolor Independente. As interpretações partiram do ponto de vista dos próprios torcedores através dos comportamentos, expressões e relações estabelecidas dentro do grupo. Já a compreensão surgiu após o confronto dos resultados da “observação participante” com as referências teóricas sobre massa e transgressão e a comparação com outros trabalhos desenvolvidos sobre torcidas organizadas.

Nesta direção, a pesquisa que realizei mostrou que após à “Batalha Campal do Pacaembu”, em agosto de 1995 entre são-paulinos e palmeirenses se deu o início do encerramento das atividades das torcidas organizadas dentro e fora dos estádios de futebol do Estado de São Paulo, alterando as formas de de seus agrupamentos. Integrantes que se deslocavam de diversos pontos da cidade para encontrar-se nas sedes destas agremiações, passaram a formar subgrupos regionalizados para realizar caminhadas até o estádio ou outro local pré-combinado juntando as partes e formando a totalidade do grupo organizado. Até mesmo os conflitos entre as torcidas rivais passaram a ser regionalizados.

Após 10 anos de proibição das atividades devido à “Batalha Campal do Pacaembu”, no ano de 1995, as torcidas organizadas conseguiram o direito de retornarem aos estádios de futebol com suas faixas e camisetas. Apesar da vitória na justiça, tiveram que assumir o compromisso de fazer festa nas arquibancadas e ter tolerância com as torcidas rivais.

O compromisso começa a não ser cumprido devido as torcidas organizadas usarem as manifestações festivas como um instrumento de transgressão. Esta faz parte da natureza humana como dispositivo que é acionado para resistir ou inverter o sistema que tenta condiciona-los (federações esportiva e ministério público) e eliminar os excessos, ou seja, grupos semelhantes que defendem outros times de futebol.

Através da paixão pelo futebol, as torcidas organizadas passam a representar um espaço de sociabilização independentemente da idade, sexo, cor, classe social ou região que moram. Assim, o indivíduo começa a perceber que sua existência esta atrelada ao outro e que dentro do grupo, reprime a individualidade para compor uma identidade coletiva.

As torcidas organizadas se tornaram grupos que vão além de torcedores apaixonados por futebol. No final do século XX se tornaram instituições de inclusão com uma participação social ativa e influente, atraindo pessoas de todas as classes sociais. Não ficando somente nisto, transgridem os padrões morais e sociais com agressividade nas expressões corporais e verbais através principalmente de seus gritos de guerra e musicas. Para essa transgressão da massa utilizei George Bataille e Elias Canetti.

Violência, paixão por futebol, transgressão, enfim, todos estes conceitos estão representados nas festas que as torcidas organizadas fazem independentemente da vitória, derrota ou até mesmo do jogo de seu time. Com

todo ritual de preparo das bandeiras, baterias, coreografias, caminhadas, caravanas, entrada e saída dos estádios ou eventos promovidos pela própria torcida organizada sempre são realizados com muita festa.

A festa é um meio para resgatar os laços do natural e sobrenatural, do tempo e eternidade, da vida e morte, do ser e não ser, dos desejos individuais e coletivos. É uma dicotomia presente nas músicas, danças, pintura e símbolos que fazem a intermediação entre a realidade e a fantasia. As festas não são o rompimento com a realidade, é uma transgressão que ocorre nos exageros, excessos e inversões da ordem social. Desta forma, a festa possibilita movimentos de confronto e resistência a um sistema social estabelecido por exclusão, desigualdade e impunidade. Esta insatisfação é representada na dança, na obscenidade e na violência.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

AUGE, Marc, **A Guerra dos Sonhos**. Campina, Papyrus, 1998.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. 2ª edição. Porto Alegre, LPM (Tradução de Antonio Carlos Viana), 1987.

_____ **Teoria da Religião**, Editora Ática, São Paulo, 1993

_____ **A parte Maldita**, Rio de Janeiro, Editora Imago, 1975

BUFORD, Billi. **Entre os Vândalos: a multidão e a sedução da violência**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1992.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. Brasília, Melhoramentos, UNB, 1960.

COSTA, Márcia Regina da, FERNAND, F. et al (org). **Futebol: O espetáculo do Século**. São Paulo, Editora Musa, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DAMÁSIO, Antonio R. **O Erro de Descartes**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo, Paulinas, 1989.

GEERTZ, Clifford. **O Antropólogo como autor**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2005

_____ **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

LEVER, Janet. **A loucura do Futebol**. Rio de Janeiro, Editora Companhia das Letras, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências**, V.17, número 09, Junho de 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo, Abril Cultural, 1984.

OLIVEIRA, Fco. Privatização do público, destituição da fala e anulação de política: o totalitarismo neoliberal. In: PAOLI, M. C. e OLIVEIRA, Fco.(org). **Os Sentidos de Democracia**. Vozes, 1999, p. 55-81.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do antropólogo**. São Paulo, UNESP, Paralelo 15, 2000.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo, **Futebol e Violência entre torcidas organizadas: a busca da identidade através da violência**, São Paulo, PUC, 1995.

_____ Torcidas Organizadas: brutalidade uniformizada no Brasil. In: PINSK, Jaime e PINSK, Carla Bossanesi (org), **Faces do Fanatismo**, São Paulo, Editora Contexto, 2004.

PRADO, Décio de Almeida. **Seres, Coisas, lugares do teatro ao futebol**. São Paulo, Cia das Letras, 1997, página 200

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras - 2000.

RODRIGUES, Nelson. **A Sombra das Chuteiras Imortais – Crônicas de futebol**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1994

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Enciclopédia Einaudi: Religião – Rito**, v.30

SANTOS, Joel Rufino dos. **História Política do futebol brasileiro**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981

SANTOS, Tarcyane Cajueiro. **Dos espetáculos de massa as torcidas organizadas: paixão, mito e magia no futebol** . São Paulo - Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica , PUC – SP,1998.

SILVA, Elisabeth Murilho da. **Torcidas Organizadas de futebol: Violência e espetáculo nos estádios**. São Paulo, PUC-SP, 1996.

TINHORÃO, José Ramos. **As Festas No Brasil Colonial**. São Paulo, Editora 34, 2000.

TOLEDO, Luis Henrique de.**Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo, Editora Autores Associados, 1996

_____ **No país do Futebol**. Rio de Janeiro, 2000.